



## Capítulo 5

### Em cima do tigre

#### Os Estados Unidos em guerra, 1965-1967

Em 1965, de visita ao porta-aviões *Ranger*, ao largo do Vietname, Robert Shaplen ouviu um colega jornalista observar: «Bastava-lhes mostrarem este navio aos Vietcongues – desistiam logo<sup>(1)</sup>!» Foi praticamente neste espírito que, em 1965, desde Lyndon Johnson na Casa Branca aos GI no terreno, os Estados Unidos entraram em guerra. O presidente apostou tudo no pressuposto não confirmado de que a aplicação do poderio militar americano encostaria rapidamente o inimigo à parede. As primeiras tropas de combate que chegaram ao Vietname comungavam de opiniões similares. Quando «entrámos nos arrozais, naquela húmida tarde de Março», recorda o tenente fuzileiro Philip Caputo, «levámos, além da espingarda, a convicção absoluta de que o Vietcongue seria rapidamente derrotado»<sup>(2)</sup>.

Não sendo exclusivo da Guerra do Vietname, este optimismo ajuda, em grande medida, a explicar a forma que a participação americana assumiu. Os Estados Unidos nunca desenvolveram uma estratégia apropriada para a guerra que estavam a travar, em parte porque partiram do princípio de que a mera aplicação do seu vasto poderio militar seria suficiente. O fracasso de um nível de força levou ao nível seguinte e assim sucessivamente até a guerra atingir um grau de destruição que em 1965 ninguém teria julgado possível.

Mais importante ainda, o optimismo com que o país foi para a guerra constitui a principal explicação da frustração que se veio a instalar dentro e fora do governo. O fracasso nunca é fácil de aceitar, mas custa especialmente quando se prevê o sucesso a custo mínimo.

Decorridos dois anos, o optimismo de 1965 deu lugar a uma profunda e dolorosa frustração. Em 1967, os Estados Unidos tinham perto de meio milhão de soldados de combate no Vietname. Já tinham largado mais bombas do que em todos os teatros da Segunda Guerra Mundial e estavam a gastar cerca de 2 mil milhões de dólares por mês com a guerra. Alguns funcionários americanos convenceram-se de que tinham sido feitos progressos, mas o facto inegável é que a guerra prosseguia. Por conseguinte, Lyndon Johnson enfrentava um dilema angustiante. Incapaz de pôr termo à guerra através de meios militares e avesso a fazer as concessões necessárias para garantir um acordo negociado, o presidente descobriu tardiamente a situação para a qual, em 1964, George Ball tinha alertado: «Depois de estarmos em cima do tigre, não é garantido que possamos escolher o lugar para desmontar.»

A estratégia americana no Vietname foi improvisada e não cuidadosamente concebida, e continha numerosas contradições. Os Estados Unidos entraram em guerra em 1965 para impedirem o colapso do Vietname do Sul, mas nunca conseguiram adequar o seu tremendo poderio militar à tarefa fundamental de estabelecer um governo viável em Saigão. A Administração insistiu que a guerra deveria ser mantida dentro de determinados limites – sem provocar a intervenção da União Soviética nem da China – porém, o presidente contava com uma vitória rápida e relativamente indolor para evitar a contestação doméstica. Aparentemente, nunca ocorreu a Johnson nem aos seus conselheiros civis que estes objectivos pudessem não ser compatíveis. Os Estados Unidos injectaram directamente o seu poder militar na contenda para esmagarem a insurreição e persuadirem o Vietname do Norte a pôr fim à sua «agressão». Todavia, a Administração subestimou grosseiramente a capacidade de resistência do inimigo e quando enfrentou a pergunta crucial de saber o que seria necessário para atingir os seus objectivos já estava atolada num impasse sangrento.

O presidente e os seus conselheiros civis definiram limites para a condução da guerra: mas não forneceram orientações estratégicas

cabais para o emprego de  
a si próprios, os militares  
qual estavam preparados s  
res do Vietname. Westmo  
cientes com as restrições ir  
ao destino do general I  
contestaram o presidente  
os seus argumentos na pra  
desenvolver uma estraté  
pela Casa Branca e fizer  
conseguirem o que preten  
considerável de propósito  
entre civis e militares e ur  
crescentes e ganhos incert

### A Operação Rolling T

Os Estados Unidos re  
mento aéreo (4). Segundo  
da capacidade de fazer a  
Todavia, o êxito limitado  
cado em larga escala na Se  
na Coreia, suscitava sérias  
posto, e as condições prev  
e com poucos alvos cru  
questões. No entanto, a F  
expectativas irrealistas so  
do poder aéreo e continu  
de a experiência as ter re  
tou a argumentação dos  
que os bombardeamento  
eram mais aceitáveis do p  
cer uma solução rápida  
complexo. Iniciado no pr

(\*) No seguimento de inún  
MacArthur foi destituído do  
subordinação, em 11 de Abri



cabais para o emprego do poderio militar americano. Entregues a si próprios, os militares travaram a guerra convencional para a qual estavam preparados sem terem em conta as condições peculiares do Vietname. Westmoreland e o JCS ficaram irritados e impacientes com as restrições impostas pelos civis. No entanto, sensíveis ao destino do general Douglas MacArthur na Coreia (\*), não contestaram o presidente directamente nem procuraram fazer valer os seus argumentos na praça pública. Por outro lado, negaram-se a desenvolver uma estratégia que integrasse as restrições impostas pela Casa Branca e fizeram por ultrapassá-las, uma a uma, até conseguirem o que pretendiam. O resultado foi uma ambiguidade considerável de propósitos e meios, uma tensão cada vez maior entre civis e militares e uma escalada inexorável que gerou custos crescentes e ganhos incertos (3).

### *A Operação Rolling Thunder*

Os Estados Unidos recorreram intensivamente ao bombardeamento aéreo (4). Segundo a doutrina do poder aéreo, a destruição da capacidade de fazer a guerra do inimigo forçá-lo-ia a negociar. Todavia, o êxito limitado do bombardeamento estratégico, aplicado em larga escala na Segunda Guerra Mundial e em menor grau na Coreia, suscitava sérias dúvidas quanto à validade deste pressuposto, e as condições prevalecentes no Vietname, um país primitivo e com poucos alvos cruciais, poderia ter suscitado ainda mais questões. No entanto, a Força Aérea e a Marinha avançaram com expectativas irrealistas sobre os possíveis dividendos da utilização do poder aéreo e continuaram a dá-las como válidas muito depois de a experiência as ter revelado infundadas. A liderança civil aceitou a argumentação dos militares até certo ponto, tendo em conta que os bombardeamentos saíam mais baratos em vidas – logo, eram mais aceitáveis do ponto de vista interno – e pareciam oferecer uma solução rápida e relativamente fácil para um problema complexo. Iniciado no princípio de 1965, por falta de alternativas

(\*) No seguimento de inúmeras desavenças e discórdias com a liderança civil, MacArthur foi destituído do comando supremo pelo presidente Truman, por insubordinação, em 11 de Abril de 1951. (N.T.)



mas não só, o bombardeamento do Vietname do Norte foi sendo alargado durante os dois anos seguintes, na vã esperança de que conteria as infiltrações no Sul e obrigaria o Vietname do Norte a sentar-se à mesa das negociações.

A guerra aérea assumiu gradualmente proporções gigantescas. O presidente resistiu com firmeza à proposta do JCS para assestar golpes demolidores, mas à medida que cada fase dos bombardeamentos foi fracassando ele alargou a lista de alvos e o número de ataques. As missões aéreas contra o Vietname do Norte aumentaram de 25000 em 1965 para 79000 em 1966 e 108000 em 1967; a tonelagem de bombas largadas aumentou de 63000 toneladas para 136000 e 226000, respectivamente. Em 1965, a Operação Rolling Thunder concentrou-se nas bases militares, nos depósitos de material e nas rotas de infiltração no Sul. A partir do princípio de 1966, os ataques aéreos começaram a ser dirigidos contra os sistemas industrial e de transportes do Vietname do Norte, e foram avançando inexoravelmente para norte. No Verão de 1966, Johnson autorizou ataques aéreos maciços contra depósitos de petróleo e redes de transportes. Um ano depois, permitiu ataques contra siderurgias, centrais eléctricas e outros alvos em redor de Hanói e Haiphong e em áreas previamente restritas ao longo da fronteira com a China.

Os bombardeamentos provocaram danos no valor de cerca de 600 milhões de dólares numa nação que ainda lutava para desenvolver uma economia viável e moderna, e danificaram seriamente a produtividade industrial e agrícola do Vietname do Norte. Algumas cidades foram praticamente arrasadas, outras severamente danificadas. Os gigantescos B-52, transportando cada um até 26 toneladas de bombas, atacaram incessantemente as áreas que conduziam à Pista Ho Chi Minh, deixando a paisagem marcada com enormes crateras e pejada de destroços. Os bombardeamentos não eram dirigidos contra a população civil e a Administração afirmou publicamente que as vítimas civis eram mínimas. No entanto, a CIA estimou que em 1967 as baixas eram de 2800 por mês, e confessou que incluíam uma elevada percentagem de civis; McNamara admitiu, em privado, que durante os períodos de bombardeamento intensivo as vítimas civis chegavam às 1000 por mês. Um diplomata britânico recordaria posteriormente que, no Outono de 1967, a população das principais cidades apresentava sinais generalizados de subnutrição e de queda do moral<sup>(5)</sup>.

A verdade é que o n  
garantiu praticamente qu  
duvidoso que uma guerra  
o JCS, tivesse dado resul  
Unidos já tinham destru  
1967, mas sem causarem  
No entanto, a abordagem  
tempo para montar um  
seus recursos vitais e dese  
A gradação encorajou o  
tante os danos que lhes e

O Vietname do Nort  
tenaz perseverança na fo  
tos. Os civis foram trans  
As indústrias e os armaz  
muitos casos, escondido  
afirmou ter escavado ma  
áreas fortemente bombar  
parte da vida debaixo de  
tas, incluindo muitas mu  
inteiro na reparação de p  
pais estradas foram coloc  
«Brigadas de Choque da  
horas depois da queda d  
foram substituídas por t  
bambu que eram afunda  
ção. Os motoristas cobri  
de bananeira e deslocava  
guiando-se apenas por m  
Os B-52 destruíram as e  
filadeiro de Mu Gia e cor  
dias depois, para espant  
correrem-nas. Um observ  
de frustração e admiraçã  
do que o trabalho de for

As perdas em equipa  
foram mais do que comp  
aumentado, fornecido pel  
rio do que George Ball re



A verdade é que o modo como o poder aéreo foi empregue garantiu praticamente que não atingiria os seus objectivos. É muito duvidoso que uma guerra aérea sem restrições, tal como pretendia o JCS, tivesse dado resultados satisfatórios. De facto, os Estados Unidos já tinham destruído a maioria dos alvos principais em 1967, mas sem causarem nenhum efeito demonstrável na guerra. No entanto, a abordagem gradual da Administração deu a Hanói tempo para montar um sistema de defesa antiaérea, proteger os seus recursos vitais e desenvolver modos de transporte alternativos. A gradação encorajou os Norte-Vietnamitas a persistir, não obstante os danos que lhes eram infligidos.

O Vietname do Norte demonstrou um grande engenho e uma tenaz perseverança na forma como lidou com os bombardeamentos. Os civis foram transferidos das cidades para as zonas rurais. As indústrias e os armazéns e depósitos foram dispersados e, em muitos casos, escondidos em cavernas e no subsolo. O governo afirmou ter escavado mais de 45 000 quilómetros de túneis, e nas áreas fortemente bombardeadas as pessoas passavam uma grande parte da vida debaixo do chão. Cerca de 500 000 norte-vietnamitas, incluindo muitas mulheres e crianças, trabalharam a tempo inteiro na reparação de pontes e vias-férreas, e ao longo das principais estradas foram colocados montes de saibro que permitiam às «Brigadas de Choque da Juventude» encherem as crateras poucas horas depois da queda das bombas. As pontes de betão e de aço foram substituídas por transportes fluviais e pontes de estacas de bambu que eram afundadas durante o dia para evitar a sua detecção. Os motoristas cobriam os camiões com folhas de palmeira e de bananeira e deslocavam-se de noite, com os faróis apagados, guiando-se apenas por marcadores brancos ao longo das estradas. Os B-52 destruíram as estradas estreitas que atravessavam o desfiladeiro de Mu Gia e conduziam à Pista Ho Chi Minh, mas alguns dias depois, para espanto dos Americanos, havia camiões a percorrerem-nas. Um observador americano comentou, com um misto de frustração e admiração, «os brancos não fazem a mínima ideia do que o trabalho de formigas pode conseguir» (6).

As perdas em equipamento militar, matérias-primas e veículos foram mais do que compensadas através do auxílio drasticamente aumentado, fornecido pela União Soviética e pela China. Ao contrário do que George Ball receara, a escalada americana não empurrou





#### A Pista Ho Chi Minh

Esta fotografia, tirada por um repórter fotográfico vietnamita que morreu na guerra, ilustra vividamente os desafios da Pista Ho Chi Minh. Esta artéria principal do apoio norte-vietnamita à insurreição sulista estendia-se por mais de 1400 quilómetros de terreno difícil até aos vários pontos de entrega no Vietname do Sul, e os seus utilizadores enfrentavam muitos perigos. Durante uma grande parte da guerra, a bicicleta foi um meio essencial para o transporte de mantimentos na pista; devidamente carregada, podia transportar até 250 quilos. A bicicleta ocupa um lugar de honra no museu militar de Hanói.

*Fotografia de Nguyen Luong Nam (reprodução autorizada por Requiem Photo Project)*

os dois rivais comunistas da rivalidade cada vez Hanói jogar um contra impedir que qualquer u influente.

A União Soviética m porém, os novos líderes Outubro de 1964, intere escalada americana conf que não podiam ignorar necessário um equipamer estavam em condições d bilidade de subtrair o Vi Numa altura em que os indiferença soviética pelo directa a um Estado com exigiu que os Russos se re ofereceu à URSS oportur manietar os seus dois pir dições de combate e ana americano. Os Soviéticos conflito e temiam um co dos Mísseis de Cuba, em tura de independência de seu auxílio maciço não junto de Hanói e queixav tas utilizavam os cargueiro bardeamentos americanos incrementaram continuac de 1968, forneceram ao V mais de 1,8 milhões de ru militar, incluindo armas terra-ar (SAM) e tanques. nam directamente no esfor antiaéreas e de mísseis ter

A guerra do Vietname a guerra aérea – também China. Os Chineses vinha a Conferência de Genebra



os dois rivais comunistas para uma nova aliança. No entanto, a par da rivalidade cada vez mais hostil entre ambos, possibilitou a Hanói jogar um contra o outro para obter ajuda adicional e impedir que qualquer um deles se tornasse predominantemente influente.

A União Soviética manteve-se afastada do conflito até 1965, porém, os novos líderes que derrubaram Nikita Khrushchev, em Outubro de 1964, interessaram-se muito mais pelo Vietname e a escalada americana confrontou-os com desafios e oportunidades que não podiam ignorar. Os bombardeamentos aéreos tornaram necessário um equipamento militar sofisticado que só os Soviéticos estavam em condições de fornecer, o que lhes ofereceu a possibilidade de subtrair o Vietname do Norte à influência da China. Numa altura em que os Chineses denunciavam alto e bom som a indiferença soviética pelo destino da revolução mundial, a ameaça directa a um Estado comunista colocada pela escalada americana exigiu que os Russos se revelassem credíveis. A escalada do conflito ofereceu à URSS oportunidades para minar o prestígio dos EUA, manietar os seus dois principais rivais, testar as suas armas em condições de combate e analisar o mais recente equipamento militar americano. Os Soviéticos assistiram nervosamente à escalada do conflito e temiam um confronto nuclear como aquando da Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962. Não lhes agradava a teimosa postura de independência do Vietname do Norte, lamentavam que o seu auxílio maciço não conseguisse uma influência proporcional junto de Hanói e queixavam-se do modo como os Norte-Vietnamitas utilizavam os cargueiros soviéticos como escudos contra os bombardeamentos americanos no porto de Haiphong. Mas os Russos incrementaram continuamente o seu apoio. Até 1 de Janeiro de 1968, forneceram ao Vietname do Norte assistência no valor de mais de 1,8 milhões de rublos, da qual 60 por cento foi de carácter militar, incluindo armas modernas como aviões de caça, mísseis terra-ar (*SAM*) e tanques. Três mil especialistas soviéticos participaram directamente no esforço de guerra, e alguns operaram baterias antiaéreas e de mísseis terra-ar e abateram aviões americanos (7).

A guerra do Vietname do Norte contra os EUA – em especial, a guerra aérea – também apresentou desafios e oportunidades à China. Os Chineses vinham apoiando o Vietname do Norte desde a Conferência de Genebra, e numa altura em que afirmavam a sua



ra, ilustra vividamente a à insurreição sulista ps de entrega no Viet- ande parte da guerra. vividamente carregada. J militar de Hanói.

project)



liderança do movimento revolucionário mundial viram inevitavelmente na escalada americana «um teste ao “verdadeiro comunismo”». Consideravam a defesa do Vietname do Norte essencial para a sua própria segurança e Mao Tsé-Tung, o presidente do Partido, ao mobilizar o povo chinês para combater uma ameaça externa, procurou derivar apoios para a sua radicalização das políticas internas da China. Tal como os Soviéticos, os Chineses temiam um confronto com os Estados Unidos, pelo que fizeram saber que se os EUA invadissem o Vietname do Norte enviariam as suas forças para a região. Além disso, através de palavras e actos, foram inequívocos no apoio total ao seu aliado. Ao abrigo de acordos estabelecidos em 1964 e 1965, cerca de 320 000 artilheiros e engenheiros militares chineses ajudaram os Vietnamitas a construir novas estradas, caminhos-de-ferro e pontes para facilitar o transporte de material proveniente da China, e a preparar posições antiaéreas para proteger a rede de transportes contra os ataques americanos. Os Chineses também forneceram quantidades enormes de veículos, armas pessoais e munições, uniformes e sapatos, arroz e outros alimentos, e até bolas de voleibol e equipamento de ténis de mesa para recreação das tropas norte-vietnamitas. Em contraste com a Primeira Guerra da Indochina, os argutos Vietnamitas não permitiram que os seus poderosos vizinhos nortenhos participassem no processo de tomada de decisão, e à medida que as relações do Vietname do Norte com a União Soviética foram aquecendo o relacionamento com a China arrefeceu. Em termos globais, os Vietnamitas transformaram numa forma de arte a exploração das divisões entre os seus aliados, e estima-se que entre 1965 e 1968 terão recebido mais de 2 mil milhões de dólares em assistência. A ajuda chinesa e soviética contribuiu para a defesa contra os ataques aéreos americanos, substituiu equipamento destruído pelos bombardeamentos e libertou tropas norte-vietnamitas para serem enviadas para o Sul. Esta ajuda teve um papel crucial – quiçá decisivo – no desfecho da guerra (8).

Houve outros factores que reduziram a eficácia dos bombardeamentos. As chuvas torrenciais e os nevoeiros impenetráveis obrigavam a diminuir as missões durante a longa estação da monção, de Setembro a Maio. Os pilotos afirmavam-se capazes de bombardear com uma precisão «cirúrgica», mas as condições meteorológicas e técnicas, que pouco tinham evoluído desde a Segunda

Guerra Mundial, garantiram que os alvos só foram destruídos. Ao aproximarem-se dos alvos, os americanos embatiam contra as defesas. Os mísseis terra-ar e os MiG-19 obrigavam a desfazerem-se os pilotos a descer para alturas baixas. As poderosas concentrações de tropas e provisões pessoais. Um piloto americano foi abatido como «o centro do Inferno».

Apesar dos extensos bombardeamentos aéreos que absorveu muito pessoal desviados para outras funções, a concentração de tropas e provisões não afirmaram que seriam muito maiores. Todavia, os pilotos afirmaram que as infiltrações para o Sul em 1967, encobertas por bombardeamentos mais pesados e destrutivos, foram interrompidas pela Frente Nacional de Libertação (ENV) e da Frente Nacional de Libertação (FNL) com apenas 34 toneladas de provisões. No Vietname do Sul, «um fluxo de tropas pelo poder aéreo» (10). É um aspecto psicológico dos bombardeamentos que não destruiu a determinação dos vietnamitas. Este poderoso tema de mobilização para a guerra.

Em 1967, os Estados Unidos ganharam por ganhos marginais. A perda de 30 000 dólares. O custo de produção dos aviões, as munições e o combustível usado em mais de 1,7 mil milhões de dólares no período em que as perdas foram de 1,7 mil milhões entre 1965 e 1968, os Estados Unidos bate, com um custo aproximado de 1,7 mil milhões. Segundo uma estimativa, o custo do Vietname do Norte, os Estados Unidos. Mas os custos não podem



Guerra Mundial, garantiram uma considerável imprecisão, e muitos alvos só foram destruídos depois de repetidamente bombardeados. Ao aproximarem-se de Hanói e de Haiphong, os aviões americanos embatiam contra um sistema de defesa antiaérea mortífero. Os mísseis terra-ar e os *Mig* soviéticos não abatiam muitos aviões, mas obrigavam a desfazer os padrões de bombardeamento e forçavam os pilotos a descer para altitudes onde eram confrontados com poderosas concentrações de fogo de artilharia antiaérea e armas pessoais. Um piloto americano descreveu o Vietname do Norte como «o centro do Inferno, e Hanói é o centro desse centro»<sup>(9)</sup>.

Apesar dos extensos danos infligidos ao Vietname do Norte, o bombardeamento aéreo não alcançou os seus objectivos. É verdade que absorveu muito pessoal e muitos recursos que poderiam ter sido desviados para outros usos militares e que prejudicou a deslocação de tropas e provisões para o Sul, no entanto, os seus proponentes afirmaram que sem os bombardeamentos a infiltração teria sido muito maior. Todavia, as estimativas oficiais americanas admitiram que as infiltrações aumentaram de 35 000 soldados em 1965 para 90 000 em 1967, enquanto os bombardeamentos se tornavam mais pesados e destrutivos. As tropas do Exército Norte-Vietnamita (ENV) e da Frente de Libertação Nacional (FLN) requeriam apenas 34 toneladas de provisões por dia provenientes de fora do Vietname do Sul, «um fluxo demasiado pequeno para ser travado pelo poder aéreo»<sup>(10)</sup>. É impossível aferir com precisão o impacto psicológico dos bombardeamentos no Vietname do Norte, mas não destruiu a determinação de Hanói e ofereceu à liderança um poderoso tema de mobilização da população civil em apoio da guerra.

Em 1967, os Estados Unidos estavam a pagar um preço elevado por ganhos marginais. A missão de um *B-52* custava, em bombas, 30 000 dólares. O custo directo da guerra aérea, incluindo a operação dos aviões, as munições e a substituição de aeronaves, foi estimado em mais de 1,7 mil milhões de dólares em 1965 e 1966, um período em que as perdas excederam os 500 aviões. Na totalidade, entre 1965 e 1968, os Estados Unidos perderam 950 aviões de combate, com um custo aproximado de 6 mil milhões de dólares. Segundo uma estimativa, por cada dólar de danos infligidos ao Vietname do Norte, os Estados Unidos despenderam 9,60 dólares. Mas os custos não podem ser medidos exclusivamente em dólares.







pou pessoalmente na campanha, avisando os diplomatas aliados, em 1967, de que tinham «um incêndio florestal» nas traseiras. «Se fordes sensatos [...]», avisou ele, «ajudar-me-eis a extingui-lo antes que chegue junto de vós. Porque chegará junto de vós», concluiu ele sombriamente, «antes de chegar junto de mim» (12).»

Da perspectiva dos EUA, os resultados foram uma desilusão. Ao contrário da Administração, os aliados europeus viam com muitas reticências a justeza da causa da América no Vietname. Duvidavam que a parada fosse tão elevada como os Estados Unidos afirmavam, duvidavam que a credibilidade americana estivesse verdadeiramente em jogo. Pelo contrário, receavam que a América pudesse vir a sofrer mais com uma intervenção falhada do que de uma retirada que lhe salvasse a face. Em qualquer dos casos, na sua óptica, tendo em conta a debilidade do Vietname do Sul, nem sequer uma infusão maciça do poderio americano poderia fazer mais do que adiar uma derrota inevitável. À excepção da França, os principais aliados europeus da América não se opuseram abertamente à sua política no Vietname, mas – não obstante a incansável pressão dos EUA e as chantagens pessoais de Johnson – negaram-se terminantemente a fornecer sequer as forças militares simbólicas solicitadas pela Administração.

Até na região do Pacífico os resultados foram desanimadores. O aliado mais agressivo aquando do princípio da guerra, a Austrália, enviou 8000 soldados e arcou com as despesas operacionais. Apesar de dependente dos Estados Unidos para a sua própria sobrevivência, a Coreia do Sul negociou duramente muitas vantagens económicas em troca dos 60000 homens que forneceu. Outros países revelaram relutância em recusar, porém, furtaram-se a grandes empenhamentos. A Nova Zelândia duvidava que os Estados Unidos conseguissem atingir os seus objectivos no Vietname, mas reconheceu que uma saída americana da região deixaria «uma tarefa estratégica de dimensões assustadoras». Para apaziguar Washington, Wellington, a título simbólico, enviou uma bateria de artilharia. A Tailândia também forneceu um pequeno contingente «voluntário», as Filipinas enviaram um batalhão de engenharia e a China nacionalista disponibilizou unidades pequenas e altamente treinadas para a execução de operações secretas. Mas à medida que a guerra se foi arrastando inconclusivamente e se tornou mais impopular em todo o mundo, até os aliados do Pacífico se mostra-



ram mais relutantes em sucumbir às blandícias americanas, pretextando constrangimentos de carácter orçamental e condicionantes de política interna. Quando Maxwell Taylor e Clark Clifford visitaram a região, em 1967, em busca de forças adicionais, encontraram os líderes aliados «amistosos mas geralmente cautelosos e na defensiva», falando mais do que tinham feito do que sobre o que iriam fazer. No princípio de 1969, as forças aliadas no Vietname atingiram o pico de cerca de 71 000 efectivos<sup>(13)</sup>.

Por conseguinte, os Estados Unidos providenciaram o grosso das forças, e ainda antes de ser completado o reforço de 1965 Westmoreland solicitou tropas adicionais para chegar a um total de 450 000 efectivos até ao fim de 1966. A Administração manteve um controlo apertado sobre a guerra aérea, mas concedeu ao seu comandante no terreno ampla discricção na concepção e execução da estratégia terrestre, e não viu outra alternativa que não fornecê-lhe as tropas que ele pedia. Em Junho de 1966, o presidente aprovou um nível de forças de 431 000 efectivos, a ser atingido em meados de 1967. Enquanto estes reforços estavam a ser aprovados, Westmoreland preparava pedidos de um aumento para 542 000 soldados até finais de 1967.

Provido de milhares de soldados americanos e de um gigantesco arsenal de armamento moderno, Westmoreland levou a guerra ao inimigo. Conseguiu algo que foi apropriadamente classificado de «milagre logístico», construindo, praticamente de um dia para o outro, as instalações necessárias para lidar com o número gigantesco de tropas americanas e com volumes enormes de equipamento. Os Americanos que combatiam no Vietname constituíam o exército mais bem alimentado, vestido e equipado conseguido até ao momento pelos EUA.

Naquilo que Westmoreland descreveu como «a guerra mais sofisticada da história», os Estados Unidos tentaram explorar a sua superioridade tecnológica para lidarem com os problemas peculiares de uma guerra de guerrilha. Para localizarem um inimigo sempre fugidio, os militares recorreram a pequenas unidades portáteis de radar e a «cheira-gente» que detectavam o odor da urina humana (\*).

(\*) E do suor. Os *people sniffers* existiam nas versões tipo mochila (XM-2) e para helicóptero (XM-3, posteriormente M-3). O XM-2 nunca teve muito sucesso. O XM-3/M-3 era útil em campo aberto, mas pouco eficaz na selva (os guerrilheiros

Foram programados alturas e locais prov herbicidas em larga e doras afim de privar pulação dos C-130. lema sardónico era « mais de 50 000 toneladas Laranja, sobre milhões metade das áreas fl danos humanos e ec foram convertidos e «Puff, the Magic Dra os quais podiam efec

Os Estados Unido ria e do poder aéreo travaram uma guerra das forças da FLN e Vietname é mais bon inimigo se ir abaixo e um dos principais ar ção»<sup>(14)</sup>. Entre 1965 mitas largaram mais o Vietname do Sul, m Foram executados bo aldeias suspeitas de utilizado para apoiar «pile-on», segundo o

ros penduravam sacos com pontos). Veja-se James F. 1 *Vietnam War: Military Inf* St. Martin's Press, 2000, 1946-1975, Novato, Calif.

(\*) Jogo de palavras personagem de *cartoon* Si Ranch Hand decorreu de 1

(\*\*) Os AC-47 *Spooky* com três minicanhões rota disparo simultâneo evocari canção. (N.T.)



Foram programados computadores IBM 1430 para preverem as alturas e locais prováveis dos ataques inimigos. Foram utilizados herbicidas em larga escala e com consequências ecológicas devastadoras afim de privar os guerrilheiros de cobertura natural. As tripulações dos C-130 participantes na Operação Ranch Hand, cujo lema sardónico era «*Only You Can Prevent Forests*» (\*), espalharam mais de 50 000 toneladas de produtos químicos, tais como o Agente Laranja, sobre milhões de hectares de florestas, destruindo cerca de metade das áreas florestais do Vietname do Sul e provocando danos humanos e ecológicos pavorosos. Aviões de transporte C-47 foram convertidos em terríveis aeronaves de ataque (baptizadas «Puff, the Magic Dragon», segundo uma popular canção da época), os quais podiam efectuar 18 000 disparos por minuto (\*\*).

Os Estados Unidos fizeram uma utilização intensiva da artilharia e do poder aéreo para desalojarem o inimigo a custo mínimo, e travaram uma guerra extremamente agressiva contra as áreas-base das forças da FLN e do Vietname do Norte. «A solução para o Vietname é mais bombas, mais projecteis, mais napalm [...] até o inimigo se ir abaixo e desistir», observou o general William Depuy, um dos principais arquitectos da estratégia de «busca e destruição» (14). Entre 1965 e 1967, os aviadores americanos e sul-vietnamitas largaram mais de um milhão de toneladas de bombas sobre o Vietname do Sul, mais do dobro da tonelagem largada no Norte. Foram executados bombardeamentos de retaliação contra algumas aldeias suspeitas de albergarem guerrilheiros. O poder aéreo foi utilizado para apoiar forças em combate segundo o conceito de «*pile-on*», segundo o qual as tropas americanas cercavam as unida-

---

ros penduravam sacos com urina e lama nas árvores e deslocavam-se para outros pontos). Veja-se James F. Dunnigan e Albert A. Nofi, *Dirty Little Secrets of the Vietnam War: Military Information You're Not Supposed to Know*, Nova Iorque, St. Martin's Press, 2000, ou Philip B. Davidson, *Vietnam at War: The History: 1946-1975*, Novato, Calif., Presidio Press, 1988. (N.T.)

(\*) Jogo de palavras com «*Only you can prevent forest fires*», o alerta da personagem de *cartoon* Smokey the Bear, o urso guarda-florestal. A Operação Ranch Hand decorreu de 1962 a 1971. (N.T.)

(\*\*) Os AC-47 *Spooky*, verdadeiras «canhoneiras aéreas», estavam equipados com três minicanhões rotativos, todos do lado esquerdo do avião, cujo potente disparo simultâneo evocaria o sopro de Puff, o *Dragão Mágico*, a personagem da canção. (N.T.)



## Pessoal militar americano no Vietname do Sul

Data	Exército	Marinha	Fuzileiros	Força Aérea	Guarda Costeira	Total
31 Dez. 1960	800	15	2	68	-	c. 900
31 Dez. 1961	2100	100	5	1000	-	3205
30 Jun. 1962	5900	300	700	2100	-	9000
31 Dez. 1962	7900	500	500	2400	-	11 300
30 Jun. 1963	10 200	600	600	4000	-	15 400
31 Dez. 1963	10 100	800	800	4600	-	16 300
30 Jun. 1964	9900	1000	600	5000	-	16 500
31 Dez. 1964	14 700	1100	900	6600	-	23 300
30 Jun. 1965	27 300	3800	18 100	10 700	-	59 900
31 Dez. 1965	116 800	8400	38 200	20 600	300	184 300
30 Jun. 1966	160 000	17 000	53 700	36 400	400	267 500
31 Dez. 1966	239 400	23 300	69 200	52 900	500	385 300
30 Jun. 1967	285 700	28 500	78 400	55 700	500	448 800
31 Dez. 1967	319 500	31 700	78 000	55 900	500	485 600
30 Jun. 1968	354 300	35 600	83 600	60 700	500	534 700
31 Dez. 1968	359 800	36 100	81 400	58 400	400	536 100
30 Abr. 1969	363 300	36 500	81 800	61 400	400	* 543 400
30 Jun. 1969	360 500	35 800	81 500	60 500	400	538 700
31 Dez. 1969	331 100	30 200	55 100	58 400	400	475 200
30 Jun. 1970	298 600	25 700	39 900	50 500	200	414 900
31 Dez. 1970	249 600	16 700	25 100	43 100	100	334 600
30 Jun. 1971	190 500	10 700	500	37 400	100	239 200
31 Dez. 1971	119 700	7600	600	28 800	100	156 800
30 Jun. 1972	31 800	2200	1400	11 500	100	47 000
31 Dez. 1972	13 800	1500	1200	7600	100	24 200
30 Jun. 1973	**	**	**	**	**	**

\* Pico.

\*\* Totais combinados dos cinco ramos inferiores a 250.

Fonte: Departamento da Defesa dos EUA, OASD (Comptroller), Directorate for Information Operations, 19 de Março de 1974.

des inimigas e depois este método como « Uma percentagem n... mada interdição - ; mente com B-52, co No Vietname do Su podiam ser pulveriz

O Vietname do l surpreendida pela di name do Sul e muiti de elevada magnitu estava tão empenha desafio. Em finais d ram toda a nação pa listas americanos». vência que estava er estratégia de *dau tra* militar, política e di sua causa. Os estrat daram com frequênc travada a guerra no norte-vietnamita dev deraram unanimeme e a opinião pública a seus inimigos e pro guerrilha e com uni máxima sobre os S elevadas na esperan

(\*) Ou seja, o conce inimigo; veja-se Randall Nova Iorque, Cambridg aplicava a ataques de inf *Memoir of a Cold War* p. 48. (N.T.)

(\*\*) Inicialmente, as aéreas, supostamente liv bombas antes de aterrar pelo autor, e que é especi «Free Fire Zones», in l Iorque, W. W. Norton &



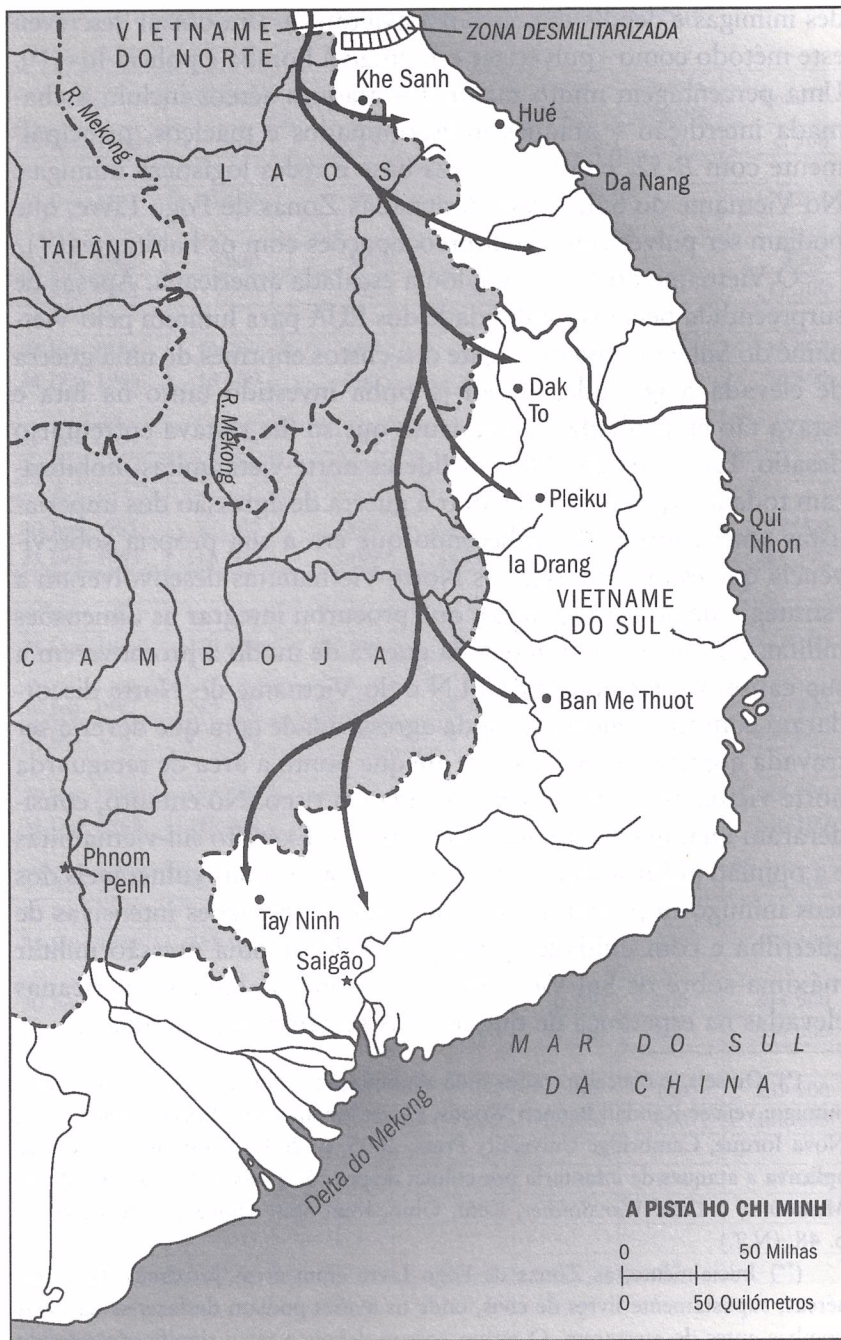
des inimigas e depois chamavam a aviação (\*). Um oficial descreveu este método como «pulverizar o inimigo à bomba e policiá-lo» (15). Uma percentagem muito maior dos ataques aéreos incluiu a chamada interdição – ataques indiscriminados e maciços, principalmente com B-52, contra as áreas-base e redes logísticas inimigas. No Vietname do Sul, foram designadas Zonas de Fogo Livre, que podiam ser pulverizadas sem preocupações com os habitantes (\*\*).

O Vietname do Norte igualou a escalada americana. Apesar de surpreendida pela disponibilidade dos EUA para lutarem pelo Vietname do Sul e muitíssimo ciente dos custos enormes de uma guerra de elevada magnitude, Hanói já tinha investido tanto na luta e estava tão empenhada na sua causa que só lhe restava enfrentar o desafio. Em finais de 1965, os líderes norte-vietnamitas mobilizaram toda a nação para «derrotar a guerra de agressão dos imperialistas americanos». Reconhecendo que era a sua própria sobrevivência que estava em jogo, os Norte-Vietnamitas desenvolveram a estratégia de *dau tranh* (luta), que procurou integrar as dimensões militar, política e diplomática da guerra de modo a promoverem a sua causa. Os estrategos da FLN e do Vietname do Norte discordaram com frequência acerca da agressividade com que deveria ser travada a guerra no Sul e sobre até que ponto a área de retaguarda norte-vietnamita deveria ser colocada em risco. No entanto, consideraram unanimemente que o governo e o Exército sul-vietnamitas e a opinião pública americana eram os pontos mais vulneráveis dos seus inimigos e procuraram, recorrendo a operações intensivas de guerrilha e com unidades principais, colocar uma pressão militar máxima sobre os Sul-Vietnamitas e manter as baixas americanas elevadas na esperança de que os EUA se cansassem da guerra.

(\*) Ou seja, o conceito traduz uma acumulação («*pile-on*») de meios sobre o inimigo; veja-se Randall Bennett Woods, *Quest for Identity: America Since 1945*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 2005, p. 263. O conceito também se aplicava a ataques de infantaria por coluna de pelotões; veja-se Richard E. Mack, *Memoir of a Cold War Soldier*, Kent, Ohio, Kent State University Press, 2001, p. 48. (N.T.)

(\*\*) Inicialmente, as Zonas de Fogo Livre eram áreas próximas das bases aéreas, supostamente livres de civis, onde os aviões podiam desfazer-se das suas bombas antes de aterrarem. O termo passou depois a ter o significado referido pelo autor, e que é específico da Guerra do Vietname. Veja-se Lewis M. Simmons, «Free Fire Zones», in *Crimes of War: What the Public Should Know*, Nova Iorque, W. W. Norton & Company, 1999. (N.T.)





Mapa de Jeffrey L. Ward. Reproduzido com autorização de Simon & Schuster, de A. J. Langguth, *Our Vietnam - Nuoc Viet Ta: A History of the War: 1954-1975*, p. 397. Mapas: ©2000 Jeffrey L. Ward.

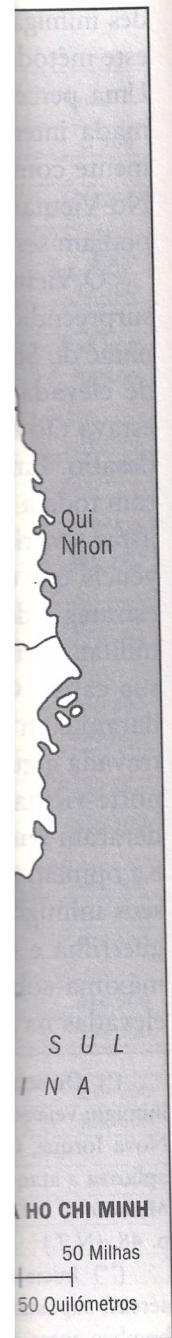
As infiltrações e a sua chave foi a em que os EUA as mitas empenhar são e melhoramen trilho pedestre, co de transporte, foi t rede complexa e s do Sul, com algun camiões pesados e tos. Milhares de tr caram muito do se carregadores e sol era sempre árdua. lómetros do trajec a percorrer e abur terror dos B-52 e, que muitas etapas gos. A bicicleta era versão modificada mas centenas de qu da década de 1960 deslocar 400 tonel dos por mês para z

Durante 1965 manter os America rações de busca e nas em acções imp ciando assim de li suficientes, com o p das áreas povoada Tacticamente, os l incursões e procura combates de proxi de fogo do inimigo camaradas da FLN zes. Depois de um 1965, um conselh duzentos homens c



As infiltrações no Vietname do Sul foram cruciais para a vitória e a sua chave foi a lendária Pista Ho Chi Minh. Desde o momento em que os EUA assumiram a condução da guerra, os Norte-Vietnamitas empenharam vastos recursos humanos e materiais na expansão e melhoramento desta linha vital. Aquilo que fora um primitivo trilho pedestre, com a utilização ocasional de elefantes como modo de transporte, foi transformado, em finais da década de 1960, numa rede complexa e sofisticada de artérias de penetração no Vietname do Sul, com algumas estradas pavimentadas capazes de suportarem camiões pesados e dotada de zonas de repouso em numerosos pontos. Milhares de trabalhadores, incluindo mulheres e crianças, dedicaram muito do seu tempo a manterem as estradas abertas. Para os carregadores e soldados destinados ao Vietname do Sul, a viagem era sempre árdua. Dependendo do meio de transporte, os 900 quilómetros do trajecto podiam levar entre duas semanas a seis meses a percorrer e abundavam em perigos: tigres e ursos mortíferos, o terror dos B-52 e, em especial, o flagelo da malária. Não tardou que muitas etapas ostentassem cemitérios que denotavam os perigos. A bicicleta era um dos principais meios de transporte e na sua versão modificada para utilização na Pista podia transportar algumas centenas de quilos de provisões cruciais. Durante picos, no fim da década de 1960, estima-se que o Vietname do Norte conseguiu deslocar 400 toneladas de mantimentos por semana e 5000 soldados por mês para zonas de combate no Vietname do Sul.

Durante 1965 e 1966, os Norte-Vietnamitas e a FLN tentaram manter os Americanos em desequilíbrio para prejudicarem as operações de busca e destruição. Em 1967, atacaram forças americanas em acções importantes junto da Zona Desmilitarizada, beneficiando assim de linhas de abastecimento curtas e de santuários suficientes, com o propósito de atraírem os Americanos para longe das áreas povoadas, deixando as zonas rurais vulneráveis à FLN. Tacticamente, os Norte-Vietnamitas recorreram a emboscadas e incursões e procuraram «agarrar-se à cintura» dos Americanos em combates de proximidade para minimizarem o impacto do poder de fogo do inimigo, vastamente superior ao seu. Tal como os seus camaradas da FLN, os Norte-Vietnamitas eram combatentes capazes. Depois de um importante recontro no Planalto Central, em 1965, um conselheiro americano comentou: «Chiça! Dêem-me duzentos homens com aquela disciplina e eu conquisto o país<sup>(16)</sup>.»



A. J. Langguth, *Our*  
Jeffrey L. Ward.



Em 1966 e 1967, os combates foram intensos em grande parte do Vietname do Sul. Ao longo da Zona Desmilitarizada, os fuzileiros e os regulares norte-vietnamitas, entrincheirados como os exércitos da Primeira Guerra Mundial, bombardearam-se incessantemente com artilharia. Nas selvas, pequenas unidades americanas procuraram o inimigo em acções comparáveis às campanhas travadas nas ilhas do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, Westmoreland concentrou-se progressivamente em operações de busca e destruição em grande escala contra as áreas-base inimigas. A Operação Cedar Falls, uma importante campanha desencadeada no início de 1967, lançou 30 000 soldados contra o Triângulo de Ferro, um bastião da FLN a norte de Saigão. Depois de os B-52 terem saturado a zona, as forças americanas cercaram-na e os helicópteros largaram nas aldeias um grande número de tropas especialmente treinadas. Depois de as populações terem sido removidas, escavadoras *Rome* (\*) dotadas de grandes pás arrasaram a zona, destruindo o que restava da vegetação e privando os guerrilheiros de toda e qualquer cobertura. Depois, a região foi incendiada e bombardeada de novo para destruir os quilómetros de túneis escavados pelos insurrectos.

Continua a ser difícil avaliar os resultados das operações terrestres americanas entre 1965 e 1967. As tropas combateram bem, não obstante as miseráveis condições em que a guerra foi travada – selvas densas e pântanos profundos, formigas lava-pés e sanguessugas, armadilhas e emboscadas, um inimigo fugidivo, mas mortífero. Nas ocasiões em que grandes unidades entraram em combate, os Americanos levaram geralmente a melhor, e não havia nenhum lugar no Vietname do Sul onde o inimigo estivesse a salvo do poder de fogo americano. Em 1967, era óbvio que a introdução de forças americanas evitara algo que, em 1965, parecia ser uma derrota certa.

Numa guerra sem linha da frente nem objectivos territoriais, onde a intenção principal era «desgastar o inimigo», o índice do progresso tornou-se a «contagem de corpos». A maioria dos espe-

(\*) Grandes e poderosas escavadoras blindadas cuja pá conseguia cortar árvores. Derivam o nome da cidade de Rome, onde eram fabricadas pela Rome Plow Company. Veja-se «Jungle Eaters & Rome Plow Companies» (<http://www.military.com/HomePage/UnitPageHistory>). (N.T.)



**Destruição de Ben Suc**

A aldeia de Ben Suc era um dos pontos-chave do Triângulo de Ferro, a noroeste de Saigão. Os Estados Unidos decidiram recuperar a aldeia. Depois de o Exército avançar para Ben Suc, após o que a aldeia foi destruída, os leitores de que «a partir de agora, a FLN não tardou a voltar a atacar a Ofensiva do Tet, em 1968.

Dick Swanson/TimePix

cialistas consideram que a destruição provocada precisa dos inimigos entre guerrilheiros «típicos» americanos. Philomele recorda que Philomele é vietnamita, era uma forte pressão por inflacionados a cada mesmo com uma curva de inflação che-





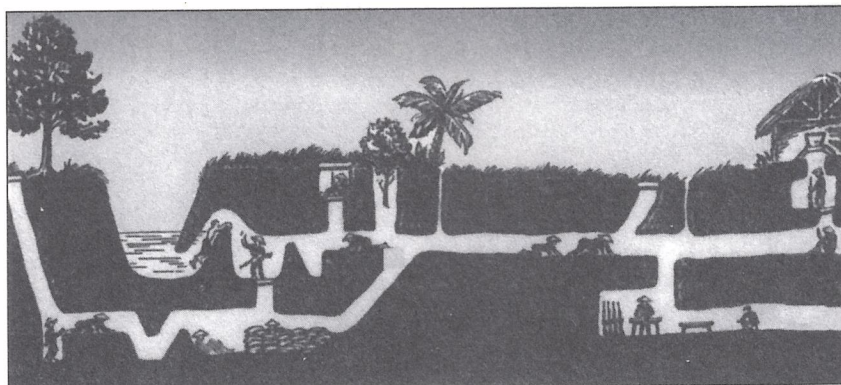
#### Destruição de Ben Suc

A aldeia de Ben Suc era um importante centro de aprovisionamento da FLN, localizado no notório Triângulo de Ferro, a noroeste de Saigão. A FLN dominava a área há anos e, em 1967, os Estados Unidos decidiram recuperar a aldeia destruindo-a. Mais de 6000 civis foram retirados à força de Ben Suc, após o que a aldeia foi bombardeada por B-52 durante quatro dias. De seguida, duas divisões do Exército avançaram para o terreno. Ben Suc deixou de existir e a revista *Time* informou os seus leitores de que «a partir de agora, um corvo que queira atravessar o Triângulo vai ter que levar farnel». Mas a FLN não tardou a voltar ao Triângulo de Ferro, que se tornou uma área de lançamento da Ofensiva do Tet, em 1968.

*Dick Swanson/TimePix*

cialistas considera que os números eram notoriamente duvidosos. A destruição provocada pela contenda dificultava uma contagem precisa dos inimigos mortos em combate. Era impossível distinguir entre guerrilheiros e não-combatentes, e no calor da peleja os «estatísticos» americanos não se esforçavam muito para o fazer. Conforme recorda Philip Caputo, «no mato, a regra era: se está morto e é vietnamita, era VC» (17). Sentia-se em toda a cadeia de comando uma forte pressão para a produção de números favoráveis, que eram inflacionados a cada nível até que, quando chegavam a Washington, careciam de toda e qualquer semelhança com a realidade. Mas mesmo com uma contagem de corpos inflacionada – e as estimativas de inflação chegam a atingir 30 por cento –, não restam dúvi-



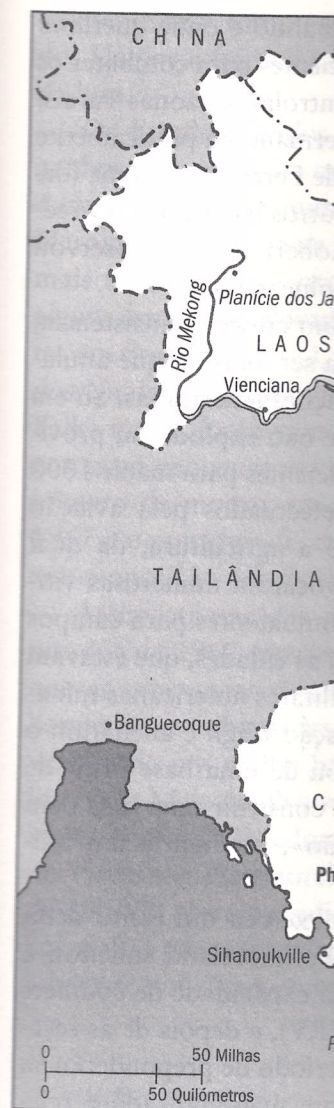


**Sistema de túneis da FLN**

Durante as guerras contra a França e os Estados Unidos, o Viet Minh e a Frente de Libertação Nacional escavaram, à mão, milhares de quilómetros de túneis que ligavam as aldeias entre si e as áreas de lançamento das operações às zonas de combate. No interior destas fortalezas subterrâneas existiam depósitos de abastecimento, fábricas de material de guerra, hospitais, impressas, alojamentos, cozinhas e até teatros onde eram representadas peças propagandísticas.

das de que os Estados Unidos infligiram ao inimigo perdas enormes. As estimativas oficiais colocaram o número em 220 000 em finais de 1967. Em grande medida, foi com base nestes números que o comando militar americano insistiu que os EUA estavam a vencer a guerra.

Tal como aconteceu com a guerra aérea, a estratégia de desgaste teve falhas graves. Pressupôs que os Estados Unidos podiam infligir baixas intoleráveis ao inimigo e manter as suas dentro de limites aceitáveis, uma premissa contrariada pela experiência anterior das guerras terrestres no continente asiático e pelas realidades do Vietname. Cerca de 200 000 norte-vietnamitas atingiam anualmente a idade do serviço militar, pelo que Hanói conseguiu substituir as suas perdas e acompanhar cada escalada americana. Além do mais, as condições em que a guerra era travada permitiram ao inimigo controlar as suas baixas. Os Norte-Vietnamitas e a FLN foram sempre extremamente esquivos e, quando lhes convinha, eram geralmente capazes de evitar o contacto. Combatiam quando e onde entendiam e em terreno que lhes era favorável. Quando as perdas atingiam níveis inaceitáveis, desapareciam na selva ou retiravam para santuários no Vietname do Norte, no Laos e no Camboja.



**Vietname do Norte e Vietname do Sul**

Fonte: George Esper, *The Eye Witness*  
Reproduzido com autorização de

Por conseguinte, os E  
mais do que um impasse.  
atingidos, nalguns casos co  
pais não foram destruídas





**Vietname do Norte e Vietname do Sul em guerra**

Fonte: George Esper, *The Eye Witness History of the Vietnam War 1961-1975*, ©1983 Villard Books. Reproduzido com autorização de Villard Books/Random House.

Por conseguinte, os Estados Unidos não puderam conseguir mais do que um impasse. Os Norte-Vietnamitas e a FLN foram atingidos, nalguns casos com gravidade, mas as suas forças principais não foram destruídas. Mantiveram a iniciativa estratégica e



podiam atacar de forma súbita e rápida quando e onde queriam. Westmoreland não dispunha de forças suficientes para combater os regulares inimigos e ao mesmo tempo controlar as zonas rurais. Assim sendo, a estrutura política da FLN permaneceu praticamente incólume, e até em áreas como Triângulo de Ferro, quando as forças americanas partiram para combater noutros locais, os insurrectos regressaram rapidamente. Em 1967, Robert Shaplen observou que tudo se resumia a um «estado de irresolução» (18).

Os cépticos começaram a perguntar, com crescente insistência, se os progressos alcançados não estariam a ser mais do que anulados pelas consequências das grandes operações americanas. Só em 1966, bombas e projecteis americanos que não explodiram providenciaram aos guerrilheiros explosivos suficientes para matar 1000 pessoas. Os bombardeamentos maciços efectuados pela aviação e pela artilharia prejudicaram seriamente a agricultura, da qual dependia a economia sul-vietnamita, provocaram numerosas vítimas civis e empurraram milhões de não-combatentes para campos de refugiados montados à pressa e/ou para as cidades, que estavam sobrelotadas. Além disso, as operações militares americanas minaram ainda mais o tecido social de uma nação frágil e alienaram o povo de um governo que nunca beneficiou de uma base firme de apoio popular. «Era como se tentássemos construir uma casa com uma escavadora e uma bola de demolição», observaria um funcionário americano (19).

A americanização da guerra também exerceu um efeito debilitante sobre o Exército sul-vietnamita. Westmoreland solicitou o envio de forças americanas por duvidar da capacidade de combate do Exército da República do Vietname (ERV), e depois de as receber foi com elas que contou. Durante o período de preponderância militar americana, o ERV foi praticamente marginalizado e relegado para operações menores e missões de controlo da população, incumbências que os seus oficiais consideravam aviltantes e aceitavam com considerável relutância. O sentimento de inferioridade assim engendrado não contribuiu em nada para resolver os problemas de moral e liderança que desde sempre tinham sido a maldição do ERV. Entre 1965 e 1967, foram gastos muito tempo e dinheiro na instrução e equipamento dos Sul-Vietnamitas, mas tudo o que se fez foi de acordo com moldes americanos, preparando-os para o tipo de guerra que os EUA estavam a travar. Por conse-

guinte, o ERV tornou-se dos Unidos e foi mal pela luta.

Os Estados Unidos ganharam limitados. Em medidas enormes de morte Harold Johnson, chefe mais tarde que os custos alguns estudos revelaram altas em tiro indirecto (\*), dos Unidos mataram 70 Falls, mas a força principal eram pequenas em número de mortos em 1967 e o aumento do rezoou a oposição doméstica.

Assim, apesar das medidas de 1967 tornar que as esperanças de u barata eram infundadas: «era como um malho b jornalista Malcolm Brow Nesta altura, os Estados no Vietname. Westmore de 200 000 efectivos ad arrastar-se por mais dois longar-se por cinco ou r

#### A «outra guerra»: construção e pacificação

Enquanto expandir no Vietname, os Estados desde sempre fora cons

(\*) No original «unobserved» de reconhecimento e todos os visível. (N.T.)



guinte, o ERV tornou-se mais do que nunca dependente dos Estados Unidos e foi mal preparado para assumir futuramente o ónus da luta.

Os Estados Unidos pagaram um preço bastante elevado por ganhos limitados. Em muitas operações foram despendidas quantidades enormes de munições, por vezes com resultados ínfimos. Harold Johnson, chefe do Estado-Maior do Exército, recordaria mais tarde que os custos das munições foram «astronómicos», e alguns estudos revelaram que 85 por cento das munições eram gastas em tiro indirecto (\*), «uma quantidade espantosa» (20). Os Estados Unidos mataram 700 guerrilheiros durante a Operação Cedar Falls, mas a força principal inimiga escapou. As baixas americanas eram pequenas em comparação com as vietnamitas, porém, o número de mortos em combate ascendeu a 13 500 em finais de 1967 e o aumento do recrutamento e do número de baixas agudizou a oposição doméstica à guerra.

Assim, apesar das impressionantes contagens de corpos, em meados de 1967 tornara-se já evidente para muitos observadores que as esperanças de uma vitória militar rápida e relativamente barata eram infundadas. Cada golpe assestado pelos Americanos «era como um malho batendo numa rolha a flutuar», observou o jornalista Malcolm Browne. «A rolha vinha sempre ao de cima (21).» Nesta altura, os Estados Unidos tinham já quase 450 000 soldados no Vietname. Westmoreland admitiu que mesmo que o seu pedido de 200 000 efectivos adicionais fosse concedido, a guerra poderia arrastar-se por mais dois anos. Caso contrário, avisou, poderia prolongar-se por cinco ou mais anos.

#### *A «outra guerra»: construção e pacificação de uma nação*

Enquanto expandiam drasticamente as suas operações militares no Vietname, os Estados Unidos lidaram com um problema que desde sempre fora considerado central por muitos observadores:

---

(\*) No original «*unobserved fire*», onde se inclui o fogo de artilharia, o tiro de reconhecimento e todos os outros fogos nos quais o ponto de impacto não seja visível. (N.T.)



a construção de uma nação sul-vietnamita viável. Ky surpreendeu os cépticos ao sobreviver mais do que seis meses no cargo. No princípio de 1966, a Administração, finalmente persuadida de que possuía bases sólidas sobre as quais construir, decidiu tornar claro o seu empenhamento e pressionar Ky para que remodelasse o governo. Numa «cimeira» apressadamente organizada, em Honolulu, Johnson, simbolizando o novo compromisso, abraçou publicamente um Ky algo embaraçado, e garantiu a sua anuência para um amplo programa de reformas. O presidente foi inequivocamente explícito acerca da importância que atribuía às promessas de Ky. O comunicado emanado de Honolulu era «uma espécie de Bíblia», declarou ele. Não se contentaria com meras promessas nem com «palavras sonantes», queria «actos concretos» (22).

Regressado a Saigão, Ky viu-se a braços com um sério desafio interno. Tranquilos durante quase um ano, os budistas viram na cimeira de Honolulu um sinal claro de que Ky, com apoio americano, tentaria manter o poder absoluto, e regressaram às ruas. Tal como em 1963, as manifestações começaram em Hué, lideradas por monges budistas, mas espalharam-se rapidamente a Saigão e uniram muitos grupos descontentes com o regime: os estudantes, os sindicatos, os católicos e até algumas facções do Exército. As manifestações assumiram um tom crescentemente antiamericano. Em Hué e Da Nang, apareceram cartazes com «Fim ao domínio estrangeiro do país». Em Hué, uma multidão em fúria incendiou o consulado americano e os bombeiros negaram-se a extinguir a conflagração.

A crise budista expôs a fragilidade do governo de Saigão e a fraqueza da posição dos EUA no Vietname. A existência de uma quase guerra civil no contexto de uma insurreição deitou por terra as esperanças que tinham começado a formar-se em relação ao governo de Ky. Os manifestantes apelaram à realização de eleições e à restauração de um governo civil, exigências que os Estados Unidos não podiam deixar de ter em conta. No entanto, o Departamento de Estado receava que qualquer cedência aos budistas «nos empurre mais rapidamente do que previmos para uma estrada cheio de buracos», e Rusk instruiu a Embaixada americana no sentido de persuadir os líderes budistas moderados a desistirem das suas «exigências irrealistas» devido ao «perigo grave de entregar o país ao Vietcongue» (23).

O conflito na zona do Vietname do Sul, quase ricanos. Embora tentass canos estacionados na unidades do ERV com tropas tiveram que am Os Fuzileiros expressa cia» pelo facto de estar do Sul enquanto os Suldo a mediação americanairos americanos sugesalvar o país e outros retirada do Vietname se Acossado, Ky, agindo s dilema americano e sa -vietnamitas para Da N tas cederam face à força Apesar de incomodada Administração ficou ali cho da crise. O preside da retirada», recordaria tranquilos» (24).

No seguimento da lutaram para cumprir a Na óptica de Washingto A melhoria da qualidade da guerra com o qual dente, que no fundo er com o povo do Vietnan míveis anseios de liber como a maioria dos se conquistar o apoio do aguda necessidade pess vado. Era capaz de fa programas de vacinaçã conhecimentos american porcos maiores e a cultivele numa ocasião, «tem simples povo vietnamita



O conflito na zona do I Corpo, a região militar norte do Vietname do Sul, quase obrigou a uma reavaliação da política americana. Embora tentassem manter-se neutrais, os Fuzileiros americanos estacionados na área foram por diversas vezes alvejados por unidades do ERV com simpatia pelos budistas ou leais a Ky, e as tropas tiveram que ameaçar recorrer à força para se defenderem. Os Fuzileiros expressaram naturalmente «amargura e repugnância» pelo facto de estarem a arriscar a vida para salvar o Vietname do Sul enquanto os Sul-Vietnamitas se digladiavam entre si. Quando a mediação americana fracassou e a crise piorou, alguns funcionários americanos sugeriram que os EUA abandonassem Ky para salvar o país e outros começaram a ponderar seriamente uma retirada do Vietname sob uma forma que salvasse a face dos EUA. Acochado, Ky, agindo sem a aprovação de Washington, resolveu o dilema americano e salvou a pele enviando 1000 fuzileiros sul-vietnamitas para Da Nang para suprimirem a rebelião. Os budistas cederam face à força superior e retiraram em amuado protesto. Apesar de incomodada pela independência demonstrada por Ky, a Administração ficou aliviada e mais do que satisfeita com o desfecho da crise. O presidente «pôs categoricamente de lado a opção da retirada», recordaria William Bundy, e «todos nós ficámos mais tranquilos» (24).

No seguimento da crise budista, Americanos e Vietnamitas lutaram para cumprir as elevadas promessas feitas em Honolulu. Na óptica de Washington, a pacificação tinha prioridade máxima. A melhoria da qualidade de vida dos Sul-Vietnamitas era um aspecto da guerra com o qual Johnson se identificava bastante. O presidente, que no fundo era um reformista populista, identificava-se com o povo do Vietname do Sul e simpatizava com os seus presumíveis anseios de liberdade política e progresso económico. Tal como a maioria dos seus colegas, acreditava que era necessário conquistar o apoio do povo para derrotar a FLN, e sentia uma aguda necessidade pessoal de conferir à guerra um desígnio elevado. Era capaz de falar com eloquência sobre tópicos como programas de vacinação, reforma educativa e a utilização dos conhecimentos americanos para ensinar os Vietnamitas a criarem porcos maiores e a cultivarem mais batata-doce. « Raios », explodiu ele numa ocasião, «temos que mostrar mais compaixão por este simples povo vietnamita. [...] Temos que garantir que o governo



sul-vietnamita vence a batalha [...] da agricultura, dos corações e dos cuidados para as pessoas (25).» Sob intensa pressão de Washington, Americanos e Vietnamitas, imitando intencionalmente as técnicas da FLN, conceberam o ambicioso Programa de Desenvolvimento Revolucionário (DR), segundo o qual equipas de cinquenta e nove pessoas treinadas em propaganda e serviços sociais se instalavam nas aldeias, viviam com os habitantes e executavam centenas de tarefas para conquistarem apoio popular para o governo e minarem a guerrilha.

O Desenvolvimento Revolucionário encontrou pela frente muitos dos problemas que tinham frustrado os anteriores programas de pacificação. A chianta burocracia de Saigão e a deficiente coordenação entre Americanos e Vietnamitas prejudicou a execução do plano. Era impossível recrutar participantes suficientes num país carente de pessoal qualificado, onde menos de metade dos quadros necessários não usufruiu de qualquer tipo de formação. Os candidatos eram instruídos «em série», durante apenas três meses, e na maior parte dos casos não ficavam preparados para a tarefa formidável que tinham pela frente. No terreno, as equipas do DR sofreram a resistência dos funcionários locais, que as viam como uma ameaça. Os fundos prometidos para muitos projectos nunca chegaram ao destino. Depois de terem assistido ao nascimento e à morte de tantos outros programas, os aldeãos acolheram os recém-chegados com uma mistura de apatia e cautela. Devido à crónica escassez de pessoal, muitos quadros eram frequentemente transferidos para novas áreas antes de completarem o seu trabalho, pelo que quaisquer ganhos obtidos eram rapidamente anulados. Por vezes, o bom desempenho das equipas do DR era minado pelo comportamento das unidades do ERV, que extorquiam impostos e taxas aos aldeãos e lhes roubavam galinhas e porcos. Quando lhe perguntaram o que mais contribuiria para a pacificação da sua área, um conselheiro americano respondeu: «Tirem a 22.ª Divisão [do ERV] da província (26).»

O problema fundamental era a ausência de segurança. Os militares americanos estavam ocupados com a guerra «dos tiros» e davam pouca atenção à chamada «outra guerra» (o próprio termo indicia uma ausência de coordenação entre a pacificação e as operações militares). Na maioria dos casos, o ERV era incapaz de garantir a segurança, e nalgumas áreas fazia parte do problema. Por

vezes, as equipas de pacificação eram anuladas quando chegavam às aldeias. Os quadros de pacificação eram mortos ou feridos, onde eram perseguidos. Muitos fugiam. A cooperação com o povo eram fraca e a segurança não era garantida. Em 1966, duas das equipas do DR foram assassinadas.

Nestas circunstâncias, os programas de pacificação foram reparadas e melhoradas nas aldeias, mas mesmo assim a falta de aferição do progresso do programa reduziu a cooperação apenas cinco por cento. Johnson, com o intuito de estabelecer a autoridade directa e efectiva, conseguiu persuadir o relutante povo a aceitar a segurança rural. Estes resultados mas nunca foram alcançados pelo americano não conseguiram estabelecer a pacificação era impossível.

Pelo menos num primeiro momento as expectativas do programa de pacificação e tivera resultados presumiam que a pacificação era possível mas do Vietname de Saigão. Lodge (que regressou ao Vietname depois de ter estado na terra sem tradições culturais e festivamente impossível genuinamente abertas. Os Americanos entendiam que a pacificação daria ao Vietname palavras de Lodge, mas por alguma estabilidade.

O regime de Ky não conseguiu, mas de modo a estabelecer a assembleia constituinte boicotaram. A asserção foi um documento



vezes, as equipas do DR alcançavam progressos que eram depois anulados quando os aviões americanos bombardeavam as suas aldeias. Os quadros eram muitas vezes enviados para áreas inseguras, onde eram perseguidos e aterrorizados pelos guerrilheiros. Muitos fugiam. Aqueles que ficavam e trabalhavam eficazmente com o povo eram frequentemente encontrados com a garganta cortada. Em 1966, durante um período de sete meses, 3015 quadros do DR foram assassinados ou raptados (27).

Nestas circunstâncias, a pacificação conseguiu pouca coisa. Foram reparadas estradas, construídas escolas e realizadas eleições nas aldeias, mas mesmo com base nos métodos altamente inexactos de aferição do progresso o número de aldeias «pacificadas» aumentou apenas cinco por cento no primeiro ano. Na Primavera de 1967, Johnson, com o intuito de revitalizar o programa, colocou-o sob a autoridade directa do comando militar americano, e Westmoreland persuadiu o relutante ERV a consagrar o grosso das suas forças à segurança rural. Estas alterações acabariam por gerar melhores resultados mas numa altura em que o vasto esforço militar americano não conseguia nada melhor do que um impasse, o fracasso da pacificação era particularmente desanimador.

Pelo menos num domínio, os dois países corresponderam às expectativas do comunicado de Honolulu: foi redigida uma nova constituição e tiveram lugar eleições nacionais. Os Americanos não presumiam que a exportação da democracia resolvesse os problemas do Vietname do Sul. Pelo contrário, muitos concordavam com Lodge (que regressara para uma segunda comissão como embaixador), que o estabelecimento de uma verdadeira democracia numa terra sem tradições democráticas ocidentais era «uma tarefa manifestamente impossível», e alguns temiam que um processo político genuinamente aberto pudesse conduzir ao caos. No entanto, os Americanos entenderam que uma nova constituição e as eleições dariam ao Vietname do Sul uma imagem melhor e poderiam, nas palavras de Lodge, «substituir a trapalhada dos infundáveis golpes por alguma estabilidade» (28).

O regime de Ky seguiu obedientemente os conselhos americanos, mas de modo a garantir a sua perpetuação. As eleições para a assembleia constituinte foram tão circunscritas que os budistas as boicotaram. A assembleia reuniu-se no princípio de 1967 e produziu um documento acabado, baseado nos modelos americano e



francês e incluindo uma Declaração de Direitos dos cidadãos. Todavia, o governo insistiu num executivo forte e em disposições que permitissem ao presidente assumir poderes quase ditatoriais numa emergência, que poderia ser declarada a seu bel-prazer. Os indivíduos rotulados de comunistas ou «simpatizantes neutralistas» foram proibidos de ocupar cargos públicos. O presidente seria eleito por maioria simples, de modo a garantir que os candidatos da oposição não fizessem frente comum numa segunda volta.

Durante as manobras pré-eleitorais, os Estados Unidos apoiaram, de forma discreta mas firme, os esforços do governo para se manter no poder. O Departamento de Estado expressou a sua preocupação acerca da desqualificação generalizada dos candidatos da oposição, mas Lodge prevaleceu com o argumento de que o «GVN [Governo do Vietname] não devia ser desencorajado de tomar medidas moderadas para impedir [as] eleições de serem usadas como veículo de conquista do poder pelos comunistas» (29). O desafio mais sério provinha das intensas quezílias internas no seio do governo, que só foram sanadas com uma intensa pressão por parte dos Estados Unidos e depois de uma longa reunião plena de histerismo, na qual Ky cedeu chorosamente e aceitou concorrer à vice-presidência com o general Thieu como candidato presidencial.

As eleições de Setembro de 1967 não foram tão corruptas como denunciaram os críticos nem tão puras como Johnson declarou. O regime organizou-as em condições que tornavam a sua derrota improvável e houve provas de muitas fraudes de última hora. Mas o elevado número de eleitores que se apresentou nas urnas e o facto de as eleições se terem realizado no meio de uma guerra foram citados pelos Americanos como evidências de crescente maturidade política. O seu aspecto mais saliente foi, sem dúvida, a pequena margem da vitória governamental. A candidatura Thieu-Ky conquistou 35 por cento dos votos e Truong Dinh Dzu, um advogado desconhecido que se candidatara em nome de negociações com a FLN, garantiu 17 por cento. As eleições poderão ter conferido ao regime alguma respeitabilidade, mas também sublinharam a sua continuada fraqueza. Num país onde a autoridade política derivava da vontade celestial e o apoio popular era uma obrigação, a pequena margem de vitória pareceu inevitavelmente ridícula. Muitos vietnamitas viram cinicamente no processo «uma peça de encenação americana com um elenco vietnamita» (30).

### *O impacto da ame*

Enquanto os Estados Unidos tentavam resolver problemas a nível mundial, a guerra no Vietname tornou-se um problema nacional que visitavam o Vietname com a enorme capacidade de mobilização -civil gigantesco, extenso e no qual, como se sabe, trabalhavam uns contos de milhões. Em 1967, os Estados Unidos gastaram no Vietname. A dimensão das despesas em proporções elefantinas de dólares, um quarto de milhão de dólares por 6500 civis americanos. McPherson, escritor de sucesso, descreveu a presença no Vietname como «o Santo Império Americano», observou sarcasticamente que os recursos poderiam aumentar.

Um dos problemas da americanização da guerra são as operações militares em aldeias quatro milhões de habitantes, população. Alguns de milhares de sobrepovoadas, outros campos de refugiados. O custo ao governo 30 milhões de dólares. Uma grande parte do custo, em quando, eram iniciados. O problema era tão complexo e imaginativo dos funcionários, nada teria com os americanos. Grande parte da população tornou-se hostil, pelos seus efeitos em férteis viveiros.

A súbita infusão de centenas de conselheiros



*O impacto da americanização*

Enquanto os Estados Unidos e o Vietname do Sul lutavam para resolver problemas antigos, a americanização da guerra dava origem a problemas novos e igualmente formidáveis. Os Americanos que visitavam o Vietname do Sul pela primeira vez ficavam espantados com a enormidade do esforço dos EUA, um aparelho militar-civil gigantesco, extenso e multifacetado, geralmente descoordenado e no qual, com demasiada frequência, os vários componentes trabalhavam uns contra os outros em vez de se apoiarem. Em finais de 1967, os Estados Unidos tinham quase meio milhão de soldados no Vietname. A dimensão civil da guerra também foi alargada para proporções elefantinas, com um programa de ajuda de 625 milhões de dólares, um quarto da assistência económica dada ao mundo, e 6500 civis americanos desempenhando variadíssimas funções. Harry McPherson, escritor de discursos presidenciais, falou do «tamanho colossal do nosso esforço». John Roche, ajudante da Casa Branca, descreveu a presença americana como «simplesmente inacreditável», como «o Santo Império Romano-Germânico em guerra», e observou sarcasticamente que a redução do seu tamanho em dois terços poderia aumentar a sua eficiência em 50 por cento<sup>(31)</sup>.

Um dos problemas mais graves – e mais trágicos – causados pela americanização da guerra foi o problema dos refugiados. A expansão das operações militares americanas e inimigas expulsou das aldeias quatro milhões de vietnamitas, cerca de 25 por cento da população. Alguns deslocaram-se para as cidades, que já estavam sobrepovoadas, outros foram encaminhados para os miseráveis campos de refugiados. Os Estados Unidos forneciam anualmente ao governo 30 milhões de dólares para cuidar dos refugiados, mas uma grande parte do dinheiro nunca chegou até eles. De quando em quando, eram iniciados programas de realojamento, mas o problema era tão complexo que teria posto à prova o engenho do mais imaginativo dos funcionários. Em qualquer dos casos, para os refugiados, nada teria compensado a perda dos seus lares e terras. Uma grande parte da população do Vietname do Sul ficou desenraizada e tornou-se hostil, pelo que os campos de refugiados se converteram em férteis viveiros de quintas-colunas.

A súbita infusão de meio milhão de soldados americanos, de centenas de conselheiros civis e de milhares de milhões de dólares



teve um efeito profundamente caótico num país fraco e dividido. O crescendo foi tão rápido e vasto que ameaçou engolfar o Vietname do Sul. Os portos de Saigão estavam congestionados com navios e mercadorias, e havia filas de barcos à espera de descarregar que se prolongavam mar adentro. Saigão tornou-se «uma cidade de crescimento explosivo», observou Shaplen, com as ruas congestionadas com o trânsito, os restaurantes «a rebentar pelas costuras com soldados turbulentos» e os bares «à pinha como o metro de Nova Iorque à hora de ponta» (32). Por todo o lado havia sinais da presença americana. As crianças vestiam *T-shirts* com o Batman. Junto das bases militares nasceram, de um dia para o outro, longos quarteirões de bares miseráveis e bordéis – os de Bien Hoa foram baptizados com o nome de Tijuana Oriental. Numa aldeia remota perto de Da Nang, Caputo encontrou casas feitas de latas de cerveja vazias: «vermelhas e brancas da Budweiser, douradas da Miller, cremes e castanhas da Schlitz, azuis e douradas da Hamm's, da terra das águas azul-celestes (\*)» (33).

O dinheiro gasto pelos Americanos teve um efeito devastador sobre a vulnerável economia sul-vietnamita. Durante os dois primeiros anos do aumento da presença americana, os preços chegaram a aumentar 170 por cento. Os Estados Unidos controlaram a inflação pagando aos seus soldados em certificados (\*\*) e inundando o país com bens de consumo, mas estas medidas correctivas tiveram efeitos secundários negativos. Em vez de usarem a ajuda americana para promover o desenvolvimento económico, os importadores sul-vietnamitas compraram relógios, transístores e motorizadas para venderem às pessoas que trabalhavam para os Estados Unidos. O vasto influxo de produtos americanos destruiu as poucas indústrias do Vietname do Sul e tornou a economia ainda mais dependente da continuada ajuda externa. Em 1967, uma grande parte da população urbana trabalhava para os Americanos.

Nesta atmosfera de abundância, floresciam o crime e a corrupção. Este não era um fenómeno novo no Vietname do Sul nem invulgar num país em guerra, mas em 1966 funcionava já a uma

(\*) Alusão à canção publicitária da cerveja Hamm's «*Land of sky-blue waters*». (N.T.)

(\*\*) Os Military Payment Certificates, que tiveram quatro emissões entre 1965 e 1973. (N.T.)

escala inacreditável terrenos aos Estados Unidos por cartas de trabalho; extorção de instalação de mercado negro colossal (\*). As importações com a conivência dos PX (\*\*) carregado negro. Em ocupava dois quadravendia, desde grandes margens de lucro e vietnamitas obde divisas. Os vigde exércitos» entupulação da moeda internacional», es a bancos suíços e judicou severamente Vietname do Sul (

Os Americanos ram solucioná-lo. ria dos generais é corprovíncias é corrtodo o lado há c alguma corrupção corrupção» (35). A tisse os funcionários americano explicou tam: «Esfalfamos não conseg

(\*) O dólar chegou Stevenson, «Coins», 7 (N.T.)

(\*\*) Abreviatura em instalações militares serviços ao pessoal mi



escala inacreditável. Os funcionários governamentais alugavam terrenos aos Estados Unidos a preços inflacionados, exigiam subornos por cartas de condução, passaportes, vistos e autorizações de trabalho; extorquiam luvas nos contratos de construção e manutenção de instalações; participavam na importação ilícita de ópio. O mercado negro de certificados e dólares tornou-se um negócio colossal (\*). As licenças de importação no âmbito do programa de importações comerciais tornaram-se licenças para roubar. Com a conivência dos alguns americanos, os camiões do lixo saíam dos PX(\*\*) carregados de produtos roubados para venda no mercado negro. Em Saigão, no PX Alley, um mercado ao ar livre que ocupava dois quarteirões e tinha mais de cem bancas, tudo se vendia, desde granadas de mão até caixas de uísque escocês, com margens de lucro que atingiam 300 por cento. Muitos americanos e vietnamitas obtinham lucros espantosos com o câmbio ilegal de divisas. Os vigaristas internacionais e os «cambistas seguidores de exércitos» entraram rapidamente em cena e o esquema de manipulação da moeda converteu-se numa «gigantesca rede financeira internacional», estendendo-se de Saigão a Wall Street, com ligações a bancos suíços e a xeques árabes. A omnipresente corrupção prejudicou severamente os esforços de estabilização da economia do Vietname do Sul (34).

Os Americanos aperceberam-se do problema, mas não conseguiram solucioná-lo. Ky admitiu, com toda a franqueza, que «a maioria dos generais é corrupta. A maioria dos altos funcionários das províncias é corrupta». Porém, acrescentou ele calmamente, «em todo o lado há corrupção, e as pessoas habitam-se a viver com alguma corrupção. Em Chicago e Nova Iorque, vocês vivem com corrupção» (35). A Embaixada pressionou o governo para que demitisse os funcionários corruptos, mas com poucos resultados. Um americano explicou frustradamente ao jornalista David Halberstam: «Esfalfamo-nos para afastar alguém, porém, na maioria dos casos não conseguimos e acabamos por piorar a situação. E nas

(\*) O dólar chegava a valer o dobro em certificados. Veja-se, por ex., Jed Stevenson, «Coins», *The New York Times* (3 de Março de 1991, versão Internet). (N.T.)

(\*\*) Abreviatura de Post Exchange, estabelecimentos que operam geralmente em instalações militares do Exército dos EUA e que vendem bens de consumo e serviços ao pessoal militar e civil e respectivos dependentes. (N.T.)



poucas vezes que conseguimos, chicha, o substituto é do mesmo calibre (36).» Para grande desgosto seu, os Estados Unidos descobriram que à medida que o seu empenhamento aumentava a sua influência decrescia. A preocupação com a corrupção e a ineficiência tiveram sempre como contrapeso o receio de que uma postura firme pudesse alienar o governo ou provocar o seu colapso. Lodge e Westmoreland foram aceitando a situação e concentrando as suas atenções noutros problemas.

Com o aumento da presença americana intensificaram-se também as tensões entre Americanos e Sul-Vietnamitas. Os dois povos interagiram com uma colossal ignorância mútua. «Do tempo que passei no Vietname, tenho uma memória de ignorância», admitiria um GI. «Não sabia a língua. Não sabia nada das comunidades aldeãs. Não sabia nada dos anseios das pessoas – se eram a favor ou contra a guerra (37).» De facto, para muitos americanos, a tarefa elementar de distinguir entre amigos e inimigos tornou-se um desafio ocasionalmente impossível. «Precisamos de [...] uma espécie de papel de tornassol que fique vermelho na proximidade de um comunista», disse um oficial americano ao jornalista Malcolm Browne, meio a brincar, meio a sério (38). Os Vietnamitas achavam a cultura americana incompreensível e o que sabiam da história da América resumia-se a pouco mais do que alguns clichés sobre o Plano Marshall e o anticomunismo.

Apesar de combaterem por uma causa comum, os dois povos foram ganhando uma crescente desconfiança e ressentimento mútuos. Devido a falhas e fugas de segurança crónicas, os Estados Unidos mantinham os Vietnamitas fora das suas bases principais, e a infiltração das altas patentes do ERV pela FLN obrigava os oficiais americanos a esconderem dos seus homólogos vietnamitas os pormenores das principais operações militares. Quanto mais assumiram o ónus da luta, mais os Americanos depreciaram as capacidades marciais do seu aliado. «Quem me dera que os membros sulistas do clã exibissem as qualidades de combate dos seus irmãos nortenhos», comentou um oficial superior americano com óbvio desdém (39). De facto, o ERV tornou-se objecto de ridículo. Segundo uma piada americana corrente, a melhor ilustração do seu método de ataque era a estátua do soldado sentado que existia no Cemitério Militar Nacional. O vagar vietnamita na aceitação dos métodos americanos exasperava os conselheiros. «Tenho a certeza

de que se Saigão fosse há 20 anos tudo isto se teria desenvolvido de maneira diferente. Um americano teria desenvolvido um sentimento e a capacidade de lidar com os aldeãos para evitarerem a possibilidade de que os GI suscitasse

A atitude vietnamita em relação às hipóteses, ambivalentes, não aceitavam a generosidade do modo de pensar que os soldados americanos tinham desenvolvido com os aldeãos, destruindo a capacidade de lutar dos combatentes pela falta de veículos e armas de fogo. Os americanos só confiavam parcialmente no seu modo de pensar ajuda «como se dá a necessidade que tinham provavelmente muito assumir a plena responsabilidade dos vietnamitas ressentidos. Os Americanos e acabar como um «flagelo de zangar», «se nos conseguíssemos centrar a nossa atenção nos Vietnamitas sensatos «colonialistas» mas, colonial que às vezes

Por conseguinte, os americanos e vietnamitas nacionais foram ainda. É certo que o governo da época Khmer vermelho. Todavia, esta formidável presença no apoio popular no Sul depois de vários anos de abandono com uma sensação de novidade, os recursos era



de que se Saigão fosse deixada entregue a si própria [...] daqui a 20 anos tudo isto seriam de novo arrozais», comentou sarcasticamente um americano (40). A aparente indiferença de muitos vietnamitas enquanto os Americanos morriam em combate deu origem a um ressentimento e a um ódio crescentes. A infalível habilidade dos aldeãos para evitarem as minas e armadilhas que matavam e estropiavam os GI suscitou acusações de conluio com o inimigo.

A atitude vietnamita face aos estrangeiros era, na melhor das hipóteses, ambivalente. Não há dúvida de que os Vietnamitas apreciavam a generosidade americana, mas acabaram por sentir desagrado com o modo de funcionar dos Americanos. Queixavam-se de que os soldados americanos «se comportavam vilmente» com os aldeãos, destruindo as estradas e pondo em perigo a vida dos não-combatentes pela forma irresponsável como utilizavam os seus veículos e armas de fogo. Um major do ERV protestou que os Americanos só confiavam nos Vietnamitas que aceitavam inquestionavelmente o seu modo de fazer as coisas e que distribuía a sua ajuda «como se dá aos pedintes» (41). Os Vietnamitas reconheciam a necessidade que tinham do auxílio americano e alguns estariam provavelmente muito satisfeitos por deixarem os Estados Unidos assumir a plena responsabilidade pela guerra. Por outro lado, muitos vietnamitas ressentiam-se com as maneiras autoritárias dos Americanos e acabaram por considerar a «ocupação» americana como um «flagelo desmoralizador», chegando ao ponto de teorizar, «se nos conseguíssemos ver livres dos Americanos, poderíamos centrar a nossa atenção no Vietcongue.» Shaplen observou que os Vietnamitas sensatos reconheciam que os Americanos não eram «colonialistas» mas, acrescentou, «criou-se aqui uma ambiência colonial que às vezes é pior do que o próprio colonialismo» (42).

Por conseguinte, os progressos na esfera crítica da construção nacional foram ainda mais limitados do que no campo de batalha. É certo que o governo sobreviveu, o que, depois da instabilidade crónica da era Khahn, pareceu ser uma prova intrínseca de progresso. Todavia, esta sobrevivência resultava principalmente da formidável presença militar americana e não reflectia um aumento do apoio popular nem força própria. Regressado ao Vietname do Sul depois de vários anos de ausência, Halberstam ficou assombrado com uma sensação de *déjà-vu*. As caras e os programas eram novos, os recursos eram abundantes e os Americanos continuavam







retirassem as suas tropas, desmantelassem as suas bases e pusessem fim a todos os actos de guerra contra o seu país. Os assuntos internos do Vietname do Sul deveriam ser devolvidos aos Sul-Vietnamitas, «de acordo com o programa da Frente de Libertação Nacional». O Vietname do Norte era aparentemente flexível em relação ao calendário e ao mecanismo das mudanças políticas no Sul, porém, não cedia nas questões fundamentais. O regime «fantoche» de Saigão devia ser substituído por um governo representativo do «povo», no qual a Frente teria um papel proeminente. Além do mais, Hanói deixou bem claro que «a unidade do nosso país é tão inegociável como a nossa independência» (45).

Os Estados Unidos expressaram formalmente a sua posição no princípio de 1966. «Pusemos no pacote tudo menos a capitulação do Vietname do Sul», diria mais tarde Dean Rusk, o secretário de Estado, todavia, a verdade é que os «Catorze Pontos» da Administração ofereciam poucas concessões (46). Os Estados Unidos indicaram que estavam dispostos a parar com os bombardeamentos mas só depois de Hanói diminuir as suas actividades bélicas. Os EUA retirariam as suas tropas do Sul, mas só depois de conseguido um acordo político satisfatório. A Administração aceitava o princípio de que o futuro do Vietname do Sul teria de ser decidido pelos Sul-Vietnamitas, mas não admitia a FLN no governo – seria como «meter a raposa no galinheiro», declarou o vice-presidente Hubert H. Humphrey (47). Os Catorze Pontos admitiam apenas que as opiniões da FLN «não seriam impedidas de se expressarem», mas isto somente depois de Hanói «cessar as suas agressões». Debaixo destas palavras ambíguas encontrava-se a firme determinação de manter um Vietname do Sul independente e não comunista.

Em finais de 1966, para silenciar as críticas domésticas e internacionais e testar a diplomacia de Hanói, a Administração modificou ligeiramente a sua posição. Durante o Verão e o Outono, várias terceiras partes procuraram encontrar um terreno comum para a realização de negociações e, depois de uma série frenética de deslocações entre Hanói e Saigão, o diplomata polaco Janusz Lewandowski redigiu um plano de dez pontos para resolução do conflito. Johnson e os seus conselheiros eram muitíssimo cépticos acerca das iniciativas de paz, que classificavam de «febre do Nobel». Consideraram que o plano de Lewandowski era vago em relação a muitos pontos críticos e que cedia demasiado. Contudo, a Admi-



nistração não podia aparentar intransigência e acabou por aceitar as propostas de Lewandowski como ponto de partida para negociações, com a ressalva de que «vários pontos específicos estão sujeitos a diferenças de interpretação importantes». Respondendo às propostas de Lewandowski, os Estados Unidos avançaram com uma proposta a dois níveis para poderem salvar a face, contornando a oposição de Hanói a uma diminuição mútua da actividade militar. Os EUA parariam com os ataques aéreos em troca de uma garantia confidencial de que o Vietname do Norte cessaria as infiltrações em áreas cruciais do Vietname do Sul durante um período razoável. Cumprida esta condição por parte de Hanói, os Estados Unidos manteriam as suas forças de combate nos níveis existentes e poderiam então iniciar-se as conversações de paz<sup>(48)</sup>.

A iniciativa polaca, cujo nome de código era Marigold, saldou-se por um fiasco. Um diplomata norte-vietnamita declarou recentemente ter estado em Varsóvia, à espera da chegada do embaixador americano, mas continua por esclarecer até que ponto o Vietname do Norte tinha aceite discutir o plano de dez pontos polaco e estava disposto a entrar em compromisso sobre as questões fundamentais. Em qualquer dos casos, a iniciativa não deu em nada. Alguns dias antes do início previsto das negociações, aviões americanos bombardearam estaleiros ferroviários localizados a 7,5 quilómetros do centro de Hanói, provocando grandes danos em áreas residenciais e causando numerosas vítimas civis. Frequentemente explicado como produto da má coordenação existente no seio do governo americano – a mão direita desconhecia o que fazia a esquerda –, o bombardeamento resultou de uma decisão consciente. Lodge, McNamara e o subsecretário de Estado, Nicholas Katzenbach, instaram Johnson a abster-se de bombardear perto de Hanói durante a fase mais delicada da diplomacia de Lewandowski, mas o presidente negou-se terminantemente. Tal como muitos funcionários americanos, desconfiava que tudo aquilo fosse «um embuste» e observou que as conversações de Varsóvia não tinham exigido nenhuma interrupção dos bombardeamentos como condição prévia. A avaliação das intenções norte-vietnamitas feita por Johnson poderá ter sido correcta, mas os bombardeamentos de Dezembro, realizados depois de uma longa pausa imposta pelo mau tempo, pareceram seguramente a Hanói uma importante escalada da guerra aérea, calendarizada para coincidir com as inicia-

tivas de paz. Os Norte-vietnamitas não negociariam de imediato os termos da Operação Marigold.

Em 1967, em resposta às propostas dos Estados Unidos, também houve tentativas de afastar-se lenta e cautelosamente da posição anteriormente assumida. O Vietname do Norte aceitou a possibilidade de uma retirada total, como pré-condição para a negociação exigindo apenas a paragem dos ataques de Hanói também atenuou a sua posição, entre outros pontos, que de um grande período da sua posição de que as forças do Sul em troca de passando a exigir apenas estas concessões, os danos quanto aos meios de comunicação negociais se tivessem li- desistido dos seus objectivos frustrações e sofrido b- mantinham a esperança em termos. Por conseguinte, o compromisso em relação à questão. A história das iniciativas diplomáticas assinala «um compromisso americano»<sup>(49)</sup>.

### *A guerra doméstica*

Em meados de 1967, Johnson queria que ele próprio criara uma vitória rápida e relativa. Ansiava desesperadamente por fazer pela força e, não querendo voltar ou de uma posição passiva, queria fazer através de



tivas de paz. Os Norte-Vietnamitas tinham insistido desde sempre que não negociariam sob ameaça ou pressão, pelo que interromperam de imediato os contactos. Os Polacos sentiram-se traídos e a Operação Marigold não deu em nada.

Em 1967, em resposta às pressões internacionais e, no caso dos Estados Unidos, também domésticas, ambos os lados começaram a afastar-se lenta e cautelosamente das rígidas posições que tinham anteriormente assumido. O Vietname do Norte deixou de insistir na aceitação dos seus Quatro Pontos, incluindo uma retirada americana total, como pré-condição para a realização de negociações, exigindo apenas a paragem incondicional dos bombardeamentos. Hanói também atenuou os seus termos para um acordo, indicando, entre outros pontos, que a reunificação poderia decorrer ao longo de um grande período de tempo. Os Estados Unidos recuaram da sua posição de que o Vietname do Norte teria de retirar as suas forças do Sul em troca da interrupção dos bombardeamentos, passando a exigir apenas a paragem das infiltrações. Não obstante estas concessões, os dois países permaneceram muito afastados quanto aos meios de dar início às negociações e, embora as posições negociais se tivessem ligeiramente alterado, as partes não tinham desistido dos seus objectivos básicos. Ambas tinham passado por frustrações e sofrido baixas pesadas no campo de batalha, mas mantinham a esperança de obrigarem o adversário a aceitar os seus termos. Por conseguinte, não se dispuseram a entrar num compromisso em relação à questão central – o futuro do Vietname do Sul. A história das iniciativas de paz de 1965-1967, concluiu um especialista, assinala «um dos capítulos mais estéreis da diplomacia americana» (49).

### *A guerra doméstica*

Em meados de 1967, Johnson estava enleado numa armadilha que ele próprio criara involuntariamente. As suas esperanças numa vitória rápida e relativamente indolor tinham saído frustradas. Ansiava desesperadamente terminar a guerra, mas não o conseguira fazer pela força e, na ausência de uma nítida vantagem militar ou de uma posição política mais forte no Vietname do Sul, não o queria fazer através de negociações.



Além do mais, com a subida dos custos do conflito, Johnson viu-se no meio de um debate cada vez mais irado e divisor, uma verdadeira guerra civil que em 1967 parecia capaz de destruir a sua presidência e fragmentar o país. É sabido que a dissensão em tempo de guerra é uma tradição americana firmemente estabelecida, mas o Vietname provocou uma contestação mais generalizada e apaixonada do que qualquer outra guerra em que os EUA participaram. Ocorreu numa época de confronto intergerações. Ocorreu quando as verdades da Guerra Fria começavam a ser questionadas. A guerra dividiu os Americanos como não acontecia há cem anos, com o debate sobre a escravatura. Dividiu empresas, igrejas e universidades, vizinhos e famílias. Pôs classe contra classe. Com a intensificação do debate, a civilidade foi sendo descartada. Os defensores de cada lado tentaram gritar mais alto que o adversário, negando-lhe os direitos básicos da liberdade de expressão. Os argumentos foram amiúde acompanhados de violência verbal e até física.

Num extremo encontravam-se os «falcões», na sua maioria republicanos de direita e democratas conservadores, que viam no conflito do Vietname um elemento essencial da luta global contra o comunismo. Se os Estados Unidos não resistissem, argumentavam, os comunistas sentir-se-iam encorajados para novas agressões, os aliados e os neutrais sucumbiriam às pressões comunistas e os EUA ficariam sozinhos face a um inimigo poderoso e implacável. Nacionalistas convictos, crentes na invencibilidade da América e profundamente frustrados com o impasse no Vietname, os falcões consideravam os protestos antiguerra como uma traição, denunciavam as restrições impostas aos militares e exigiam que a Administração fizesse tudo o que fosse necessário para alcançar a vitória. No princípio de 1966, o representante Mendel Rivers, democrata da Carolina do Sul, disse ao presidente Johnson: «Vença ou saia<sup>(50)</sup>.»

Noutro extremo encontravam-se as «pombas», um grupo vasto, abrangente e extremamente heterogéneo e fragmentado que se opunha à guerra de forma cada vez mais acrimoniosa e forte. O «movimento» cresceu quase a par da escalada do conflito. Incluía gente tão diversa como o pediatra Benjamin Spock, o campeão de pesos pesados Muhammad Ali, a actriz Jane Fonda, o escritor Norman Mailer, velhos pacifistas como A. J. Muste e novos radicais como Tom Hayden, o líder da luta pelos direitos civis, Martin

Luther King, Jr., e J. Arkansas. As pombas gem da população, r articulado. O seu ata e incansável. Com o da revolução cultural década de 1960 e des América, deixando at sentir no século segui

As tropas de cho versitários. Inspirado apelo ao serviço da c direitos civis e cada ve criação, um grupo de e articulado – assumiu rada à guerra. Impetu tes e hipócritas, revel música *pop* com o pr mar a mente de toda que se opuseram à g taram activamente fo guarda organizações esta meia dúzia de est ros protestos antiguer xando-o sem saber co guerra e, através do cl influência sobre os m terem assumido a lider atenções<sup>(51)</sup>.

Sendo impossível antiguerra tendeu a ag principais<sup>(52)</sup>. Para os todas as guerras por nova fase da cruzada radical da década de 1 Gerada pelo movimen de seguidores entre os de elite, a Nova Esqu mais antigas que virat



Luther King, Jr., e J. William Fulbright, senador conservador do Arkansas. As pombas constituíam apenas uma pequena percentagem da população, mas eram um grupo invulgarmente visível e articulado. O seu ataque à política externa americana foi terrível e incansável. Com o tempo, o movimento tornou-se indissociável da revolução cultural que varreu os Estados Unidos no fim da década de 1960 e desafiou os mais básicos valores e instituições da América, deixando atrás de si divisões que continuariam a fazer-se sentir no século seguinte.

As tropas de choque do movimento eram os estudantes universitários. Inspirado pelo idealismo de John Kennedy e pelo seu apelo ao serviço da causa pública, formado pelo movimento dos direitos civis e cada vez mais indignado com a guerra e com a conscrição, um grupo de estudantes – pequeno mas vocal e muitíssimo articulado – assumiu a liderança, em 1965, da contestação declarada à guerra. Impetuosos, confiantes e frequentemente intolerantes e hipócritas, revelaram-se hábeis propagandistas. Fundiram a música *pop* com o protesto e, ao fazê-lo, «contribuíram para formar a mente de toda uma geração». Os estudantes universitários que se opuseram à guerra foram uma minoria, e os que protestaram activamente foram ainda menos. Todavia, tendo na vanguarda organizações como a Students for a Democratic Society, esta meia dúzia de estudantes iniciou e marcou o tom dos primeiros protestos antiguerra, apanhando o governo desprevenido e deixando-o sem saber como reagir. Sensibilizaram o público para a guerra e, através do chamado «lóbi dos filhos», exerceram alguma influência sobre os mais velhos. Mesmo depois de outros grupos terem assumido a liderança do movimento, continuaram a atrair as atenções<sup>(51)</sup>.

Sendo impossível de categorizar com precisão, o movimento antiguerra tendeu a agrupar-se ideologicamente segundo três linhas principais<sup>(52)</sup>. Para os pacifistas como Muste, que se opunham a todas as guerras por serem imorais, o Vietname era apenas uma nova fase da cruzada de uma vida. Para o emergente movimento radical da década de 1960, a oposição à guerra ia além da moral. Gerada pelo movimento dos direitos civis e tendo o maior número de seguidores entre os jovens de classe média-alta das universidades de elite, a Nova Esquerda juntou-se às organizações esquerdistas mais antigas que viram na guerra um exemplo clássico do modo



como a classe dominante americana explorava pessoas indefesas para sustentar um sistema capitalista decadente<sup>(53)</sup>.

Os liberais antiguerra ultrapassavam em número – de longe – os pacifistas e os radicais. Embora não costumassem questionar «o sistema», opuseram-se crescentemente à guerra por motivos jurídicos, morais e práticos. Os liberais afirmaram que a escalada americana no Vietname violava os Acordos de Genebra de 1954, a Carta das Nações Unidas e a Constituição dos Estados Unidos. Muitos internacionalistas liberais que tinham apoiado a América na Segunda Guerra Mundial, na Coreia e na Guerra Fria consideravam o Vietname moralmente repugnante. Argumentavam que os Estados Unidos, ao apoiarem um governo corrupto e autoritário, estavam a trair os seus princípios. A utilização de armas como as bombas de fragmentação, os herbicidas e o napalm violava padrões básicos do comportamento humano, e na ausência de qualquer ameaça directa à segurança da América a devastação infligida aos dois Vietnames era indefensável.

Foram ainda mais numerosos os liberais que puseram em causa a guerra por motivos práticos. Na sua óptica, tratava-se essencialmente de uma luta interna entre Vietnamitas, cuja ligação à Guerra Fria era, no máximo, indirecta. Os liberais questionaram a validade da teoria do dominó, em especial depois de o Exército indonésio, em 1965, ter expulso o errático Suharto e esmagado o Partido Comunista Indonésio. Entendiam que o Vietname tinha apenas um significado marginal para a segurança dos Estados Unidos. Na verdade, insistiam, o enorme investimento no país desviava as atenções de problemas mais urgentes na América e no estrangeiro, prejudicando as relações dos EUA com os seus aliados e inibindo o desenvolvimento de um relacionamento mais construtivo com a União Soviética. A crítica liberal passou rapidamente a uma condenação do «globalismo» americano. Fulbright declarou que os Estados Unidos tinham caído vítimas da «arrogância do poder» e que mostravam «sinais da mesma presunção fatal, do mesmo excesso de poder e de missão que arruinou a antiga Atenas, a França napoleónica e a Alemanha nazi»<sup>(54)</sup>.

Os vários grupos que constituíam o movimento discordavam profundamente quanto aos objectivos e métodos. Para alguns pacifistas e liberais, terminar a guerra era um fim em si próprio; para os radicais, era um meio para atingir o último fim – o derrube do

capitalismo americano. A Esquerda receavam diminuir o espírito revolucionário, o objectivo principal. A radicalidade do Vietname e tendo-se a propor gradual da actividade aos métodos, o desastre preferiam o protesto sistema, e procuravam mudanças. Os radicais e a passagem do protesto mente o uso da violência.

A oposição à guerra Fulbright organizou uma comissão para todo o país. Ocas da Administração George F. Kennan, o centenas de actos indisciplinados negou-se a pagar a parte para o orçamento da consciência e recusou o Exército – os Três de guerra injusta, imoral. Levy, invocou a doutrina nos julgamentos de treinar equipas médicas jovens americanos expulso mutilar-se – para escapar para o Canadá e recusarem a ir para o método de protesto do público. Foi o caso de Novembro de 1965, na McNamara no Pentágono.

Os comícios e as manifestações mais numerosas



capitalismo americano. Na verdade, muitos radicais da Nova Esquerda receavam que o término prematuro da guerra pudesse minar o espírito revolucionário e prejudicar a concretização do seu objectivo principal. A maioria dos liberais não advogava uma retirada do Vietname e muito menos uma revolução nacional, limitando-se a propor o fim dos bombardeamentos, o decréscimo gradual da actividade militar e a realização de negociações. Quanto aos métodos, o desacordo era ainda maior. Em geral, os liberais preferiam o protesto não violento e a acção política dentro do sistema, e procuravam excluir os comunistas das manifestações. Os radicais e alguns pacifistas apelavam cada vez mais a uma passagem do protesto para a resistência. Alguns advogaram abertamente o uso da violência para derrubar um sistema intrinsecamente violento.

A oposição à guerra assumiu muitas formas diferentes. Fulbright organizou uma série de audições, transmitidas pela televisão para todo o país, apresentando ao público críticos das políticas da Administração como o general James Gavin e o diplomata George F. Kennan, o pai da política de contenção. Registaram-se centenas de actos individuais de contestação. A cantora Joan Baez negou-se a pagar a parte do seu imposto sobre rendimentos que ia para o orçamento da Defesa. Muhammad Ali declarou-se objector de consciência e recusou obedecer à convocatória. Três soldados do Exército – os Três de Fort Hood – contestaram a constitucionalidade do conflito, recusando-se a combater, segundo eles, «numa guerra injusta, imoral e ilegal». Um capitão do Exército, Howard Levy, invocou a doutrina da responsabilidade individual estabelecida nos julgamentos de Nuremberga para justificar a sua recusa de treinar equipas médicas para combater no Vietname. Milhares de jovens americanos exploraram falhas na lei – alguns chegaram a mutilar-se – para escaparem ao recrutamento; cerca de 30 000 fugiram para o Canadá e alguns cumpriram penas de prisão por se recusarem a ir para o Vietname. Sete americanos adoptaram o método de protesto dos budistas sul-vietnamitas e imolaram-se em público. Foi o caso do jovem quacre Norman Morrison, em Novembro de 1965, mesmo por baixo da janela do escritório de McNamara no Pentágono!

Os comícios e as manifestações contra a guerra atraíram multidões mais numerosas em 1966 e 1967, tornando-se os partici-



pantes mais expressivos na sua contestação. Os manifestantes marchavam todos os dias em redor da Casa Branca, cantando, «*Hey, hey, LBJ, how many kids did you kill today?*» e «*Ho, Ho, Ho Chi Minh, NLF is going to win*». As forças antiguerra sentaram-se à frente de comboios de tropas, fizeram recolhas de sangue para a FLN, e tentaram perturbar o funcionamento das juntas de recrutamento, dos recrutadores do Exército e da Dow Chemical Company, produtora do napalm utilizado no Vietname.

O acto de protesto mais dramático teve lugar no dia 21 de Outubro de 1967, com a Marcha sobre o Pentágono, o culminar da Semana do Fim ao Recrutamento. Um grupo heterogéneo, estimado em 100 000 pessoas, incluindo *hippies* garridamente ataviados, e intelectuais como Mailer, reuniu-se junto do Monumento a Lincoln para ouvir canções de protesto interpretadas por artistas como Peter, Paul and Mary e Phil Ochs, e discursos proclamando o início da «resistência activa». Cerca de 35 000 manifestantes atravessaram o rio Potomac e avançaram sobre o Pentágono. Não conseguiram fazer levantar o «centro nervoso do imperialismo americano» nem exorcizar os seus espíritos malignos, ao contrário do que prometera o radical «Abbie» Hoffman, porém, um pequeno grupo sentou-se no chão em protesto. Uns ostentavam bandeiras da FLN, outros fumavam marijuana e alguns enfiaram flores nos canos das espingardas das tropas que guardavam o edifício. Os soldados foram instados a abandonarem os seus postos. A manifestação acabou de noite, em violência, quando a polícia federal atacou com bastões e gás lacrimogéneo e prendeu quase 700 manifestantes<sup>(55)</sup>.

O impacto dos protestos contra a guerra continua a ser uma das questões mais controversas suscitadas pelo conflito. As evidentes manifestações de dissidência nos Estados Unidos encorajaram indubitavelmente Hanói a ser persistente na busca da vitória, embora nada sugira que os Norte-Vietnamitas teriam sido mais conciliadores na ausência dos protestos. Ao contrário do que alguns dos seus críticos têm afirmado, os protestos não viraram o povo americano contra a guerra. A eficácia do movimento foi limitada pelas divisões existentes nas suas fileiras. Além do mais, as sondagens de opinião pública deixaram perfeitamente claro que a maioria dos Americanos considerava o movimento antiguerra, em particular os seus elementos radicais e *hippies*, mais obnoxio do



**A Marcha sobre o Pentágono**

Esta fotografia de um manifestante a guarda ao Pentágono foi tirada em uma manifestação contra a guerra até

Fotografia de Bernie Boston

que a própria guerra. I mesmo ter reforçado O impacto do movimento Vietnamite na consciência avançadas para a guerra Guerra Fria. Expôs os promovendo a desconhecimento opções militares de Johnson para uma escalada as perturbações e divisões guerra causaram fadiga público, encorajando a guerra<sup>(56)</sup>.

Na sua maioria, os cões e das pombas, manifestar mais divisões, a prova vamente. A expansão





#### A Marcha sobre o Pentágono

Esta fotografia de um manifestante enfiando uma flor no cano da espingarda de um soldado de guarda ao Pentágono foi tirada em Outubro de 1967, durante a Marcha sobre o Pentágono, a maior manifestação contra a guerra até então realizada.

*Fotografia de Bernie Boston*

que a própria guerra. De um modo perverso, os protestos poderão mesmo ter reforçado o apoio a uma guerra que não era popular. O impacto do movimento foi muito mais limitado e subtil. Fixou o Vietname na consciência do público e contestou as justificações avançadas para a guerra e para uma geração de política externa da Guerra Fria. Expôs os erros e a ilusão das afirmações do governo, promovendo a desconfiança face à autoridade política. Limitou as opções militares de Johnson e poderá ter evitado qualquer tendência para uma escalada mais drástica. Talvez mais importante ainda, as perturbações e divisões desencadeadas pelo movimento anti-guerra causaram fadiga e ansiedade entre os decisores políticos e o público, encorajando assim os esforços para procurar uma saída da guerra <sup>(56)</sup>.

Na sua maioria, os Americanos rejeitavam as posições dos falções e das pombas, mas com o arrastar da guerra e o debate a originar mais divisões, a preocupação do público aumentou significativamente. A expansão da guerra, em 1965, foi seguida de uma

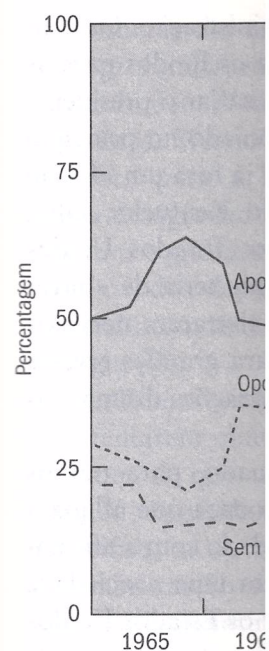


manifestação de apoio popular – o habitual fenómeno da congregação em torno da bandeira. Contudo, o fracasso da escalada em gerar quaisquer progressos discerníveis e as indicações de que seriam necessários mais tropas e mais impostos para sustentar uma guerra prolongada e talvez inconclusiva combinaram-se para darem origem a uma crescente frustração e impaciência<sup>(57)</sup>. Samuel Lubell, analista da opinião pública, comentou que a haver uma ave que simbolizasse o desencanto do público com o Vietname seria o albatroz, com muitos americanos a comungarem de um «anseio premente de se libertarem de um fardo indesejado» (\*). O sentimento do público terá sido expressado por mais cabalmente por uma mulher que disse a Lubell: «Quero que saiamos de lá mas não quero desistamos»<sup>(58)</sup>.

O apoio à guerra caiu a pique em 1967. No Verão, as convocatórias para recrutamento excederam 30 000 por mês, e o número de americanos mortos no Vietname ultrapassou os 13 000. No princípio de Agosto, o presidente recomendou a aplicação de uma sobretaxa de 10 por cento para cobrir os custos da guerra, sempre em crescendo. As sondagens realizadas pouco depois indicaram que pela primeira vez a maioria dos Americanos era da opinião de que os Estados Unidos tinham errado ao intervirem no Vietname, e uma maioria substancial concluía que apesar de um investimento crescente os Estados Unidos não estavam a «sair-se melhor». Em Outubro, a aprovação pública do modo como Johnson lidava com a guerra caiu vertiginosamente para 28 por cento.

Os Afro-Americanos opuseram-se à guerra em número muito maior do que a população em geral. Inicialmente apoiantes do envolvimento dos EUA, tornaram-se progressiva e compreensivelmente mais desconfiados face à justeza de lutarem pela liberdade no Vietname quando não a tinham em casa. Muitos começaram a ver a guerra como um conflito racial cujo desígnio era a opressão de outro povo de cor. Sentiam na pele as crescentes consequências económicas da guerra e, não obstante os desmentidos da Administração, consideravam que o conflito estava a desviar fundos dos programas governamentais que os beneficiavam. «A Grande

(\*) A palavra inglesa «albatross» denota efectivamente também um fardo moral ou emocional, como um sentimento de culpa ou responsabilidade, do qual não se consegue aparentemente fugir. (N.T.)



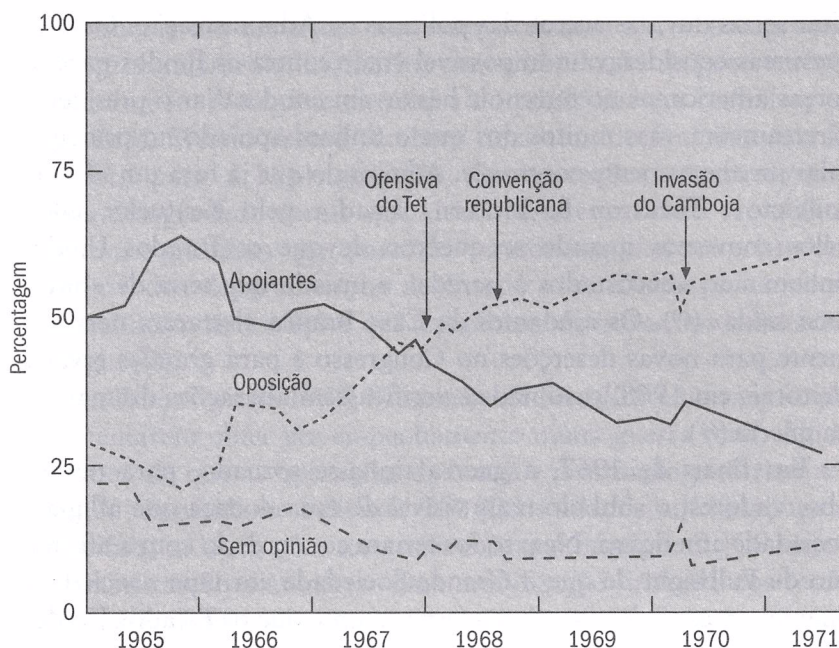
Tendências no apoio à guerra

Fonte: John E. Mueller, *War, Politics and the American Mind*. Reproduzido com autorização.

Sociedade tombou sobre o rei. O assassinato de Martin Luther King, em 4 de Abril de 1968, tornou-se um ponto de viragem. Como as principais forças militares que recrutavam e utilizavam como alvos, a sociedade passou a resistir em grande número à guerra. A crescente oposição à guerra levou a uma mudança na resistência ao recrutamento dos militares e a uma mudança na opinião pública.

A evanescente oposição ao Congresso. Em 1967, passaram do apoio à guerra para a oposição. Time-Life, ardente





Tendências no apoio à guerra no Vietname

Fonte: John E. Mueller, *War, Presidents, & Public Opinion*, p. 56. ©1985 University Press of America. Reproduzido com autorização de Rowman & Littlefield Publishers.

Sociedade tombou nos campos de batalha do Vietname», lamentou-se King, em 1967. Os Afro-Americanos viram-se, com razão, como as principais vítimas de um sistema desigual de serviço militar que recrutava os seus filhos em número desproporcionado e os utilizava como carne para canhão. O discurso de King, no dia 4 de Abril de 1967, rompendo publicamente com a Administração por causa da guerra, foi um sinal de revolta. Os negros não aderiram em grande número aos protestos contra a guerra, mas a sua crescente oposição prejudicou politicamente a Administração, e a sua resistência ao recrutamento e o descontentamento existente no seio dos militares enfraqueceu o esforço de guerra (59).

A evanescente confiança do público tinha eco na imprensa e no Congresso. Em 1967, vários diários metropolitanos importantes passaram do apoio para a oposição à guerra, e a influente editora Time-Life, ardente falcão no princípio do conflito, começou a sus-



citar sérias dúvidas acerca das políticas da Administração. Os congressistas consideravam impossível votar contra os fundos para as forças americanas no terreno e hesitavam em desafiar o presidente directamente, mas muitos dos que o tinham apoiado no princípio falavam abertamente contra ele. Admitindo que já fora um «falcão convicto», Thruston B. Morton, senador pelo Kentucky, falou pelos conversos quando se queixou de que os Estados Unidos tinham sido «encostados à parede» e insistiu que teria de «haver uma saída»<sup>(60)</sup>. Os ajudantes da Casa Branca alertaram nervosamente para novas deserções no Congresso e para grandes reveses eleitorais em 1968, caso não se verificassem alterações dramáticas na guerra<sup>(61)</sup>.

Em finais de 1967, a guerra tinha-se tornado, para muitos observadores, o símbolo mais visível de uma doença que afligia a sociedade americana. Nem todos teriam concordado com a afirmação de Fulbright de que a Grande Sociedade era uma «sociedade doente», mas muitos sentiam efectivamente que os Estados Unidos estavam a passar por um colapso nervoso nacional. O «fosso de credibilidade» – a diferença entre o que a Administração dizia e o que fazia – criara uma desconfiança perene acerca do governo. Os motins nas cidades, o crime a subir em flecha e as ruidosas manifestações nas ruas indiciavam que a violência no estrangeiro tinha gerado violência na América. Crescentemente dividida, a nação parecia à beira de uma crise tão severa como a Grande Depressão da década de 1930. A ansiedade acerca da guerra não se traduziu num consenso sólido a favor da escalada ou da retirada, contudo, o sentimento do público – fatigado, irado e frustrado – constituiu talvez uma ameaça mais grave à Administração do que o movimento antiguerra.

### *A guerra em Washington*

O debate público sobre o Vietname foi acompanhado de divisões agudas no seio do governo. Rejeitando as avaliações da CIA que minoravam o sucesso das operações militares americanas, Westmoreland insistiu que estavam a fazer-se progressos e que a guerra poderia ser ganha se os Estados Unidos utilizassem o seu poderio militar de modo eficaz. Apesar de, em 1967, já ter derru-

bado muitas das re-  
necia profundamente  
e irritado com a co-  
reservistas. Westmo-  
manobra para a i-  
estava desagradado  
ingénuos e gratuitos  
-campo» dos depai-  
frustrado com as res-  
inimigos<sup>(62)</sup>.

Na Primavera d-  
para tentarem obter  
confiante de que as  
êxito, o comandan-  
intensificar as opera-  
a Administração a-  
vistas para garantir  
os seus santuários, c-  
ção de operações te-  
Laos, bem como da  
Zona Desmilitariza-  
sar de admitir que a  
alvos», o JCS adv-  
área de Hanói-Hai-  
mitas. Apresentand-  
uma escalada da gu-  
Norte<sup>(63)</sup>.

Na altura em qu-  
tas, alguns dos con-  
mente o abandono c-  
falidas. Durante 196-  
Administração. Alg-  
da Casa Branca, e C-  
demissão por se se-  
«completamente ali-  
saberem como alter-  
e centrou-se cada ve-

Na Primavera c-  
era, ironicamente, c-



bado muitas das restrições aos bombardeamentos, o JCS permanecia profundamente insatisfeito com a condução da guerra aérea e irritado com a continuada recusa do presidente em mobilizar os reservistas. Westmoreland recebera uma considerável margem de manobra para a implementação das operações terrestres, mas estava desagradado com o que viria a descrever como «conselhos ingênuos e gratuitos» por parte dos «autonomeados marechais-de-campo» dos departamentos de Estado e da Defesa, e sentia-se frustrado com as restrições que o proibiam de entrar nos santuários inimigos <sup>(62)</sup>.

Na Primavera de 1967, Westmoreland e o JCS juntaram forças para tentarem obter um empenhamento numa guerra total. Ainda confiante de que as operações de busca e destruição poderiam ter êxito, o comandante solicitou 200 000 soldados adicionais para intensificar as operações terrestres contra o inimigo. O JCS instou a Administração a autorizar uma mobilização limitada dos reservistas para garantir estes novos incrementos. Para negar ao inimigo os seus santuários, os militares afirmaram a necessidade da realização de operações terrestres e aéreas intensivas no Camboja e no Laos, bem como da execução de um «gancho» anfíbio através da Zona Desmilitarizada com penetração do Vietname do Norte. Apesar de admitir que a guerra aérea atingira o ponto de «saturação de alvos», o JCS advogou a intensificação do bombardeamento da área de Hanói-Haiphong e a minagem dos portos norte-vietnamitas. Apresentando uma frente unida, os militares apelaram a uma escalada da guerra para forçarem a derrota do Vietname do Norte <sup>(63)</sup>.

Na altura em que os militares avançaram com as suas propostas, alguns dos conselheiros civis de Johnson advogavam abertamente o abandono de políticas que tinham acabado por considerar falidas. Durante 1966, aumentou a contestação à guerra no seio da Administração. Alguns críticos internos, incluindo Bill Moyers, da Casa Blanca, e George Ball, apresentaram discretamente a sua demissão por se sentirem, como viria a dizer James Thompson, «completamente alienados da política para o Vietname, mas sem saberem como alterá-la» <sup>(64)</sup>. A contestação continuou a aumentar e centrou-se cada vez mais nos civis do Departamento da Defesa.

Na Primavera de 1967, o principal proponente da mudança era, ironicamente, o secretário da Defesa, um homem tão estreita-



mente associado à escalada que a guerra chegara a ser chamada «guerra de McNamara». Mas logo no princípio de 1965, McNamara terá concluído que a guerra não poderia ser ganha de forma que fizesse sentido. No Verão de 1966, ele começou a recear que a vasta escalada da guerra estivesse a pôr em perigo a posição de segurança global que tinha construído com tanto labor diligente desde que assumira o cargo, em 1961. McNamara estava preocupado com a capacidade destrutiva da guerra, em particular com as vítimas civis, e com a crescente oposição doméstica, bem patente sempre que aparecia em público e tinha de empurrar os manifestantes para poder passar ou gritar mais alto do que eles. A reputação de McNamara como homem de negócios e funcionário público baseara-se na sua capacidade de atingir resultados máximos a custo mínimo. Todavia, no princípio de 1967, viu-se obrigado a admitir que a escalada da guerra não gerara resultados quanto às «metas principais – quebra do moral do inimigo e eficácia política». O governo sul-vietnamita não parecia mais estável e a pacificação, «na melhor das hipóteses, retrocedera». A guerra aérea gerara custos elevados e resultados escassos. «O Ho Chi Minh é um filho-da-puta teso», confessou McNamara à sua equipa. «Por muito que o bombardeemos, não vai desistir (65).» Além do mais, o secretário da Defesa admitiu que os bombardeamentos tinham custado muito aos Estados Unidos em termos das opiniões públicas interna e mundial. «Não é bonita a imagem da maior superpotência do planeta a matar ou ferir 1000 não-combatentes por semana enquanto tenta submeter à bomba uma nação minúscula e atrasada, por causa de uma questão de dúvida validade», disse ele a Johnson, no princípio de 1967 (66). McNamara e os seus conselheiros também estavam desiludidos com a guerra terrestre. Os incrementos dos efectivos americanos não tinham gerado um aumento correspondente das baixas inimigas e nada indicava que uma nova escalada pusesse seriamente sob pressão os recursos humanos do Vietname do Norte.

Em 1967, dividido entre o desencanto com a guerra e a lealdade ao presidente, McNamara, de forma discreta e algo hesitante, tentou promover mudanças básicas de política. Argumentando que os principais alvos militares no Vietname do Norte já tinham sido destruídos, propôs uma paragem incondicional dos bombardeamentos ou a sua restrição à área a sul do paralelo 20. Esta medida,

acrescentou, após as negociações e o estabelecimento das operações de uma forma mais limitada, do Sul.

Em termos da realização dos objectivos em guerra para os Estados Unidos tinham conseguido na Indonésia e a própria China ir a favoráveis aos Estados Unidos uma posição no Vietname do Sul a «garantir esta situação sugerir, pelo que modificassem a sua para conseguirem». No Verão de 1967, o presidente tinha sido perturbado pela sua falta de sucesso para onde se virava de McNamara e para a expansão do poder, bombardear. Estava apoucado Westmoreland e o empenhamos mais perguntou ele com é, quando é que é oposto à mobilização estava a recear um China. «Não vou

Mas Johnson não perdera gradualmente a sua influência do seu Johnson e McNamara



acrescentou, apaziguaria os críticos domésticos e poderia conduzir a negociações sérias. O secretário da Defesa advogou também o estabelecimento de um tecto sobre o número de tropas e a passagem das operações de busca e destruição para uma estratégia terrestre mais limitada, baseada na protecção da população do Vietname do Sul.

Em termos algo ambíguos, McNamara propôs ainda uma diminuição dos objectivos políticos americanos. Quanto a terem entrado em guerra para conterem a China, argumentou ele, os Estados Unidos tinham conseguido os seus intentos: a derrota comunista na Indonésia e a generalizada agitação política que se verificava na própria China indicavam que as tendências na Ásia eram agora favoráveis aos EUA. Por conseguinte, a Administração poderia adoptar uma posição negocial mais flexível. Ainda poderia almejar um Vietname do Sul independente e não comunista, mas sem se obrigar a «garantir estas condições nem a insistir nelas». McNamara parecia sugerir, pelo menos de forma oblíqua, que os Estados Unidos modificassem a sua estratégia militar e a sua postura diplomática para conseguirem sair do Vietname salvando a face (67).

No Verão de 1967, Lyndon Johnson era um homem profundamente perturbado, física e emocionalmente exausto, frustrado pela sua falta de sucesso, dividido entre os seus conselheiros, sem saber para onde se virar. Parece ter comungado de algumas das reservas de McNamara e rejeitou liminarmente as propostas dos militares para a expansão da guerra. «Vocês só sabem bombardear, bombardear, bombardear», queixou-se ele ao JCS em várias ocasiões (68). Estava apoquentado com as implicações da estratégia terrestre de Westmoreland e o seu pedido de tropas adicionais. «Quando nós empenhamos mais divisões, o inimigo não pode fazer o mesmo?», perguntou ele contundentemente ao general, em Abril. «E se assim é, quando é que isto acaba (69)?» Johnson manteve-se firmemente oposto à mobilização dos reservistas e à escalada da guerra. Continuava a reear um confronto com a União Soviética ou com a China. «Não vou cuspir na cara da China», insistiu ele (70).

Mas Johnson não podia aceitar as recomendações de McNamara. Perdera gradualmente a confiança no seu secretário da Defesa, cuja postura «de pomba» ele atribuía erroneamente à pernicioso influência do seu arqui-inimigo, Robert Kennedy. A relação entre Johnson e McNamara estava já tão azedada em finais de 1967 que



o secretário aceitou de bom grado a nomeação para o Banco Mundial. Além do mais, Westmoreland continuava a reportar progressos e o presidente não estava pronto para admitir a derrota. Não contemplava um regresso à estratégia dos enclaves – «não nos podemos agachar como um burro durante uma sarivada», disse ele –, nem sequer um tecto para o número de tropas (71). Embora pareça ter reconhecido o insucesso dos bombardeamentos, não estava preparado para lhes pôr fim ou mesmo para os limitar. Denunciando as propostas de McNamara como «um Dien Bien Phu aéreo», o JCS terá ponderado demitir-se em bloco caso Johnson as aceitasse, e o senador John Stennis, do Mississípi, um falcão, planeou a realização de uma investigação sobre a condução da guerra aérea (72). O presidente não estava pronto para arriscar um confronto com os falcões nem um debate público potencialmente explosivo sobre os bombardeamentos. Além do mais, muitos dos que ele consultou argumentaram vigorosamente contra as recomendações de McNamara. Dean Rusk, Walt Rostow, Maxwell Taylor, Clark Clifford e McGeorge Bundy opinaram que a interrupção dos bombardeamentos não apaziguaria os críticos internos. Bundy avisou que as pombas, tal como os falcões, tinham «um apetite insaciável», e se lhes fossem feitas concessões apenas exigiriam mais. «Parar os bombardeamentos agora é dar aos comunistas algo a troco de nada», acrescentou Bundy, e seria visto por Hanói como um sinal de fraqueza (73).

Por conseguinte, Johnson manteve-se na via cada vez mais estreita entre as posições sugeridas pelos seus conselheiros. Rejeitou as propostas dos militares para expandir a guerra e o pedido de 200 000 soldados feito por Westmoreland, aprovando apenas o envio de 55 000, mas não foi estabelecido tecto nenhum para o número de efectivos nem foi efectuada nenhuma reavaliação da estratégia de busca e destruição. Johnson também recusou as propostas de McNamara para limitar ou interromper os bombardeamentos. De facto, de modo a conciliar o JCS e os falcões do Congresso, o presidente alargou significativamente a lista de alvos, autorizando ataques contra pontes, estaleiros ferroviários e quartéis dentro do «donut» Hanói-Haiphong e em áreas previamente proibidas ao longo da fronteira com a China.

As decisões tomadas por Johnson em 1967, mais ainda do que as de 1965, foram improvisações que desafiaram a lógica militar e

não enfrentaram – e não a estratégia americana. Contudo, em finais de 1967, o presidente não considerou necessário a sua interrupção por falta de coragem. O presidente rejeitou as propostas das tropas que este considerava não confrontou as incertezas.

Contudo, em finais de 1967, o presidente não considerou necessário a sua interrupção por falta de coragem. O presidente rejeitou as propostas das tropas que este considerava não confrontou as incertezas. Contudo, em finais de 1967, o presidente não considerou necessário a sua interrupção por falta de coragem. O presidente rejeitou as propostas das tropas que este considerava não confrontou as incertezas.

Além do mais, Johnson tomou medidas adicionais para lidar com a incerteza, a Aviação e a Armada foram autorizadas a serem feitas progressos mistos provenientes de operações americanas estavam a sofrer grandes perdas enormes.

(\*) Nome dado pela imprensa durante a administração de Johnson em San Antonio.



não enfrentaram – e muito menos resolveram – as contradições da estratégia americana. Os bombardeamentos foram prosseguidos não porque alguém pensasse que iriam ter êxito mas porque Johnson considerou necessário pacificar certas facções domésticas e porque a sua interrupção poderia ser interpretada como um sinal de fraqueza. O presidente recusou dar ao seu comandante no terreno as tropas que este considerava necessárias para a sua estratégia, mas não confrontou as inconsistências da própria estratégia.

Contudo, em finais de 1967, a Administração modificou a sua posição negocial. A chamada «Fórmula de San Antonio» (\*), transmitida secretamente aos Norte-Vietnamitas pelo cientista político Henry Kissinger, através de intermediários franceses e depois anunciada publicamente em Setembro, deixava de considerar a necessidade de um acordo prévio de decréscimo da actividade militar de ambas as partes. Os Estados Unidos parariam os bombardeamentos «na certeza» de que esta acção conduziria «prontamente a discussões produtivas»; «pressuporiam» que o Vietname do Norte não se «aproveitaria» da cessação dos ataques aéreos. Tal como foi posteriormente explicado, esta provisão significava que Hanói não aumentaria substancialmente a infiltração de homens e material através do paralelo 16<sup>(74)</sup>. A Administração também indicou a sua disposição para admitir a participação política da FLN no Vietname do Sul, um grande recuo face à sua posição anterior. No entanto, esta atenuação da posição negocial americana não reflectiu a mudança de objectivos recomendada por McNamara. O compromisso com o regime de Thieu permaneceu sólido e a predisposição para lidar com a FLN parece ter sido baseada na esperança de que pudesse ser cooptada ou derrotada através de meios políticos.

Além do mais, Johnson reconheceu que seriam necessárias medidas adicionais para evitar um desastre. No fim do Verão, após meses de incerteza, a Administração concluiu finalmente que estavam a ser feitos progressos, ainda que lentamente. Relatórios optimistas provenientes de Saigão davam conta de que as operações americanas estavam a manter o inimigo em desequilíbrio e a infligir-lhe perdas enormes. A FLN tinha cada vez mais dificuldades

(\*) Nome dado pela imprensa ao discurso conciliatório proferido pelo presidente Johnson em San Antonio, no Texas, em 29 de Setembro de 1967. (N.T.)



para recrutar. A taxa de deserções do ERV diminuíra consideravelmente e o desempenho de algumas unidades em combate tinha melhorado. Depois de meses a patinar, a pacificação parecia finalmente em marcha. Até McNamara, geralmente pessimista, foi levado a referir, em Julho, que «não existe nenhum impasse militar» (75).

Mas a frente interna estava obviamente a desmoronar-se. O consenso que Johnson tão cuidadosamente construía em 1964 estava em pedaços, com o país mais dividido do que nunca, desde a Guerra Civil. A oposição no Congresso, bem como a desatenção e a má gestão resultantes, pelo menos em parte, da preocupação da Administração com o Vietname, tinham parado os seus acarinhados programas da Grande Sociedade. O próprio presidente era um homem cercado na Casa Branca; com a sua popularidade a esmorecer inexoravelmente, era alvo de terríveis ataques pessoais. Os seus principais ajudantes obrigavam-se a chegar às escondidas aos fóruns públicos onde pretendiam discursar. Em finais de 1967, numa reunião de topo, Johnson perguntou lamentosamente: «Como é que vamos ganhar?» Augurando a sua dramática decisão de 31 de Março de 1968, LBJ, desalentado, ponderou não se recandidatar (76).

Johnson estava alarmado com a posição em que se encontrava, ferido pelos críticos e profundamente magoado pela deserção de alguns dos seus prezados colaboradores. Rotulou iradamente muitas das críticas de injustas e sublinhou repetidas vezes que os críticos não ofereciam alternativas. Quanto mais duras eram as críticas, mais ele as ignorava desacreditando a fonte. Fulbright era «uma velha frustrada» por nunca ter sido nomeado secretário de Estado. Os dissidentes jovens não tinham vivido a Segunda Guerra Mundial. Não sabiam «reconhecer um comunista nem que tropeçassem nele». O presidente citou com indisfarçada satisfação um relatório do FBI indicando que um grande número dos que queimavam os cartões do recrutamento estiveram internados em manicómios (77).

Mas Johnson estava ciente de que não podia ignorar a oposição. Apercebera-se desde o princípio de que «a brecha maior na nossa armadura é a causada pela opinião pública». Durante os primeiros anos, terá tido mais receio dos falcões do que das pombas, mas nos finais de 1967 mudou de ideias. «A principal ameaça que temos pela frente provém das pombas», disse ele aos seus conselheiros, em Setembro de 1967 (78). Cada vez mais receoso de

que a guerra pudesse vir a ser uma ofensiva vocais e conquista

Acreditando e virar o público para implementar e comprovar as suas governos estrangeiros lizado como Oper possibilitou a com canos. Johnson ex dos macarthistas, ligações de que ele informação, fez sa provas, levando-os da paz de andar «mento pela paz não ções e a sabotagem líderes do movime aconselharem a res movimento com o levar os seus mem ainda mais aos olh

Ao mesmo tem para conquistar o elementos da adm Liberdade no Viet liderada por Paul D o «centro silencios Johnson forneceram blicanos, informaçã das pombas do C Grupo de Informaç zar as reacções do que surgissem (80). tinha pela frente era

(\*) Que proíbe a Ag gence.gov/0-natsecact\_1



que a guerra pudesse ser perdida nos Estados Unidos, Johnson lançou uma ofensiva em tenaz para silenciar os seus inimigos mais vocais e conquistar o apoio do público para as suas políticas.

Acreditando erroneamente que o movimento pela paz estava a virar o público antiguerra, tratou de o destruir. Deu ordens à CIA para implementar um programa de vigilância dos seus líderes para comprovar as suas suspeitas de que eram comunistas às ordens de governos estrangeiros. Este programa, posteriormente institucionalizado como Operação Chaos – e que violou a carta da CIA (\*) –, possibilitou a compilação de ficheiros sobre mais de 7000 americanos. Johnson expressou repetidamente a sua aversão aos métodos macarthistas, mas quando a CIA não conseguiu provar as ligações de que ele suspeitava, o presidente, através de uma fuga de informação, fez saber aos congressistas de direita que possuía tais provas, levando-os a acusarem publicamente o movimento a favor da paz de andar «a mando de Hanói». A guerra contra o movimento pela paz não tardou a passar da vigilância para as perseguições e a sabotagem. As agências policiais começaram a indiciar os líderes do movimento antiguerra, entre os quais o Dr. Spock, por aconselharem a resistência ao recrutamento. O FBI infiltrou-se no movimento com o objectivo de sabotar o seu funcionamento e levar os seus membros a terem atitudes que os desacreditariam ainda mais aos olhos do público (79).

Ao mesmo tempo, Johnson montou uma campanha intensiva para conquistar o apoio popular para a guerra. Nos bastidores, elementos da administração criaram o Comité para a Paz com Liberdade no Vietname, uma organização supostamente privada liderada por Paul Douglas, ex-senador pelo Illinois, para mobilizar o «centro silencioso» da política americana. Os conselheiros de Johnson forneceram a senadores amistosos, incluindo alguns republicanos, informações para os ajudarem a responder às acusações das pombas do Congresso. Foi estabelecido na Casa Branca o Grupo de Informação do Vietname, com o propósito de monitorizar as reacções do público à guerra e lidar com os problemas logo que surgissem (80). Reconhecendo que o principal obstáculo que tinha pela frente era a percepção generalizada de que a guerra estava

(\*) Que proíbe a Agência de operar em território dos EUA ([http://www.intelligence.gov/0-natsecact\\_1947.shtml](http://www.intelligence.gov/0-natsecact_1947.shtml)). (N.T.)



num impasse, o presidente ordenou à Embaixada e ao comando militar em Saigão para «procurarem urgentemente ocasiões para apresentarem provas concretas de progressos no Vietname». A resposta foi adequada, com resmas de estatísticas mostrando um aumento constante nas contagens de corpos e no número de aldeias pacificadas, e com a publicação de documentos capturados que comprovavam as afirmações feitas. A Casa Branca até levou cidadãos influentes ao Vietname para que observassem os progressos em primeira mão <sup>(81)</sup>.

Em Novembro, como parte da ofensiva de relações públicas, Westmoreland foi chamado aos Estados Unidos, alegadamente para consultas de alto nível, mas, na verdade, para tranquilizar uma nação inquieta. Ao chegar a Washington, Westmoreland disse aos repórteres: «Estou muito, muito animado. [...] Estamos a fazer verdadeiros progressos.» Num discurso proferido no dia 21 de Novembro, no Clube da Imprensa Nacional, o general fez uma avaliação geralmente optimista da guerra, salientando que embora o inimigo não tivesse sido derrotado fora seriamente atingido. «Chegámos a um ponto importante, o fim já está à vista», concluiu, e até deu a entender que os Estados Unidos poderiam iniciar a retirada de tropas daí a dois anos <sup>(82)</sup>.

Apesar de a sua ofensiva de relações públicas ter começado a mostrar resultados imediatos, Johnson parece ter concluído, no fim do ano, que poderia ser igualmente necessária uma mudança de estratégia no Vietname. Durante 1967 foram aumentando as pressões para que se abandonasse a estratégia de busca e destruição de Westmoreland. Cada vez mais desiludidos com os elevados custos e a ausência de resultados, os conselheiros civis de McNamara apelaram a uma mudança para patrulhas de pequenas unidades, que seriam mais vantajosas em termos de «custo/benefício» e reduziriam as baixas americanas <sup>(83)</sup>. No último memorando importante sobre política que enviou a Johnson, o secretário da Defesa sugeriu a realização de um estudo sobre as operações militares no Sul para descobrir maneiras de diminuir as baixas americanas e obrigar os Sul-Vietnamitas a assumirem uma parte maior da luta. Reconhecendo que a desilusão do público ameaçava não só o sucesso no Vietname mas também a política externa internacionalista que o país vinha desenvolvendo desde a Segunda Guerra Mundial, um grupo de figuras de topo do «sistema», reunidas sob

os auspícios da Fi  
peza e defesa» de  
mente tolerável»  
sem o risco de ur

O principal í  
Sábios, um emine  
Johnson ocasiona  
admitindo-se «pr  
apoio público», c  
unir o país face à  
bênção às polític  
seriamente pertur  
inconclusivos». I  
adoção de uma  
e dinheiro e acon  
uma maior respo  
dos Sábios, o anti  
mais longe. Emb  
comandante no t  
Johnson tinha a o  
uma questão dor  
visivelmente o coi  
do que qualquer  
Guerra Civil», e  
toleráveis para o  
dez anos que pod  
Vietname <sup>(85)</sup>. Joh  
antes do fim do an  
«reavaliação» da  
a redução das bai  
responsabilidade p  
sua do Tet, em 19  
via a ser designa

Embora tenha  
tégia, Johnson nã  
Vietname. Qualqu  
enquanto houvesse  
particularmente p  
metas elevadas par



os auspícios da Fundação Carnegie, propôs uma estratégia de «limpeza e defesa» destinada a estabilizar a guerra «num nível politicamente tolerável» e salvar o Vietname do Sul «sem capitulação e sem o risco de uma guerra maior» (84).

O principal ímpeto a favor da mudança partiu dos chamados Sábios, um eminente grupo de ex-funcionários governamentais que Johnson ocasionalmente consultava. No princípio de Novembro, admitindo-se «profundamente preocupado com a deterioração do apoio público», o presidente pediu-lhes conselho sobre a forma de unir o país face à guerra. Em termos gerais, os Sábios deram a sua bênção às políticas vigentes, mas avisaram que «a causa que mais seriamente perturbava o público» eram os «infundáveis combates inconclusivos». Para ultrapassar este problema, propuseram a adopção de uma estratégia terrestre menos dispendiosa em sangue e dinheiro e aconselharam que se passasse para os Sul-Vietnamitas uma maior responsabilidade pela luta. Na qualidade de porta-voz dos Sábios, o antigo conselheiro presidencial McGeorge Bundy foi mais longe. Embora admitisse que era muito sério contestar o comandante no terreno em tempo de guerra, Bundy disse que Johnson tinha a obrigação de o fazer porque o Vietname se tornara uma questão doméstica crítica. Instou o presidente a «assumir visivelmente o comando numa contenda de carácter mais político do que qualquer outro conflito da nossa história, à excepção da Guerra Civil», e a encontrar uma estratégia cujos custos seriam toleráveis para o povo americano durante o período de cinco a dez anos que poderia ser necessário para estabilizar a situação do Vietname (85). Johnson não iniciou uma mudança de estratégia antes do fim do ano. Porém, comprometeu-se em privado com uma «reavaliação» da condução das operações terrestres tendo em vista a redução das baixas americanas e a transferência de uma maior responsabilidade para os Sul-Vietnamitas (86). Ainda antes da Ofensiva do Tet, em 1968, Johnson começou a avançar para aquilo que viria a ser designado por «vietnamização».

Embora tenha começado a considerar uma mudança de estratégia, Johnson não reavaliou os seus objectivos essenciais no Vietname. Qualquer pessoa teria sentido dificuldade em fazê-lo enquanto houvesse esperanças de sucesso, e para Johnson teria sido particularmente penoso. Extremamente ambicioso, estabelecera metas elevadas para a sua presidência e não estava disposto a abdi-



car delas, nem sequer perante a frustração e a generalizada agitação existentes na América. Não era uma questão de coragem, pois ao persistir face à queda da sua popularidade Johnson demonstrou coragem e teimosia. Tratava-se principalmente de uma questão de orgulho. O presidente não quisera a guerra no Vietname, mas depois de se ter envolvido investiu o seu prestígio pessoal ao ponto de lhe ser impossível recuar. Em 1967, decidiu manter-se no rumo pelas mesmas razões que o tinham levado a entrar em guerra – porque não via nenhuma alternativa que não lhe exigisse uma admissão de fracasso ou derrota.

Enquanto ponderava discretamente numa mudança de estratégia, Johnson prometeu publicamente concluir a guerra com sucesso. «Não vamos ceder», declarou ele repetidamente. «Não vamos fraquejar. Vamos conseguir a paz com honra que todos os Americanos desejam.» Durante um jantar em honra do primeiro-ministro de Singapura, na Casa Branca, o residente expressou o seu empenhamento em termos diferentes. «Sr. primeiro-ministro», disse ele, «na vossa parte do mundo existe uma frase que ilustra muito bem a nossa determinação. Dizeis: “montar o tigre”. Vós haveis montado o tigre. Nós também o faremos!» As suas palavras adquiririam um tom amargamente irónico no climácico ano de 1968<sup>(87)</sup>.